



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR - ARRAIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES
VISUAIS E MÚSICA

RENILTON COSTA DE TORRES

**FESTEJO DE SÃO JOÃO NA COMUNIDADE KALUNGA DO
SUCURI: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRÁTICAS
SOCIOCULTURAIS**

Arraias, TO
2023

Renilton Costa de Torres

**Festejo de São João na Comunidade Kalunga do Sucuri: história, memória e práticas
socioculturais**

Monografia apresentada à Universidade Federal do
Tocantins (UFT), Câmpus Universitário Prof. Dr. Sérgio
Jacintho Leonor, para a obtenção do título de licenciado
em Educação do Campo: Artes Visuais e Música.

Orientador: Dr. Kaled Sulaiman Khidir

Arraias, TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C837f Costa de Torres, Renilton.
Festejo de São João na Comunidade Kalunga do Sucuri: História, memória, e práticas socioculturais. / Renilton Costa de Torres. – Arraias, TO, 2023.
72 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2023.
Orientador: Kaled Sulaiman Khudir
1. Quilombo kalunga. 2. Práticas socioculturais. 3. Festejo de São João. 4. Comunidade Kalunga do Sucuri. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Renilton Costa de Torres

**Festejo de São João na Comunidade Kalunga do Sucuri: história, memória e práticas
socioculturais**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor, Curso de
Educação do Campo: Artes Visuais e Música. para a
obtenção do título de licenciado e aprovada em sua
forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 16/11/2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Kaled Sulaiman Khidir, UFT

Dra. Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira, UFT

Prof^a.

Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo, UFT

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me apoiou em minha trajetória de vida e estudantil, em especial, a minha filha Lizzy Lima Costa, motivo de meus esforços diários, por motivar minhas inspirações constantes, me dando forças para nunca desistir dos meus sonhos e objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente, em especial à minha família, pelo apoio que me deu sempre em minha caminhada da vida até chegar aqui, me incentivando a dar o meu melhor, para que nunca desista de meus sonhos e objetivos.

À minha mãe, Joentina dos Santos Costa, minha guerreira, conselheira e amiga, motivo das minhas inspirações sempre, e ao meu pai, Renildo Cesário de Torres, pelo apoio como pai e amigo conselheiro.

À minha amada filha Lizzy Costa, por ser meu pedacinho de gente, que sempre me motiva a esforçar para que eu seja cada vez mais uma pessoa melhor.

Aos meus caros irmãos, Diânio, Joelson, Jovenilda e Jussara, pelo carinho, amizade e apoio em minha trajetória de vida.

Vai meu agradecimento a todos os meus professores, e em especial ao meu excelente professor orientador, Kaled Khidir, pelo comprometimento e dedicações em minhas orientações; obrigado por ter me dado broncas construtivas; agradeço também pela amizade constituída ao longo do processo de orientação; obrigado por ter me guiado na construção deste trabalho. Sou grato por tudo o que fez por mim.

A todos os que colaboraram com a minha pesquisa, de maneira direta e indireta, me permitindo desenvolver este trabalho. Agradeço pelo carinho, amizade, disposição e boa vontade nos momentos em que precisei de cada um.

Gratidão a todos os envolvidos, que me proporcionaram gestos de incentivo e ajuda para a realização desta pesquisa; por me deixarem convicto de que juntos somos mais fortes e sábios.

RESUMO

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga perpassa os municípios goianos de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás. Nos limites do município de Monte Alegre de Goiás, existe uma localidade nomeada por Comunidade Sucuri. Nessa comunidade, há muitos anos é realizado o Festejo de São João, que acontece todos os anos no mês de junho, do dia quinze ao dia vinte e quatro. É uma festa tradicional cultural do povo local. O objetivo desta pesquisa foi descrever e compreender os saberes e fazeres do povo Kalunga praticados no Festejo de São João na Comunidade Sucuri. A questão de investigação é: Como se estrutura, se organiza e se realiza o Festejo de São João na Comunidade Kalunga do Sucuri? Utiliza-se a pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, se desenvolvendo com memórias e experiências do autor, e com dados obtidos através da pesquisa de campo e entrevistas realizadas com anciãs e anciões que têm grande vínculo e participação ativa nos saberes e fazeres culturais desenvolvidos na festa. A produção deste trabalho de pesquisa traz as evidências do potencial cultural, religioso e identitário que o povo Kalunga possui. Como quilombola Kalunga, me sinto comprometido com a missão de incentivar a juventude a conhecer mais de perto a nossa identidade, para que a cultura do nosso povo não caia em esquecimento. Ao realizar esta pesquisa, ficaram evidentes os seguintes resultados: a Festa de São João foi se modificando de acordo com a passagem do tempo; várias práticas socioculturais se perderam e deixaram de ser praticadas; diversos fatores estão ligados direta e indiretamente nas transformações ocorridas nas práticas que compõem a festa, e um deles é o pouco interesse da juventude em apreciar nossas manifestações culturais que definem nossa identidade.

Palavras-chave: Quilombo Kalunga; Práticas Socioculturais; Festejo de São João; Comunidade Kalunga do Sucuri.

ABSTRACT

The Kalunga Historical Site and Cultural Heritage runs through the Goiás municipalities of Cavalcante, Monte Alegre de Goiás and Teresina de Goiás. On the limits of the municipality of Monte Alegre de Goiás, there is a location called Comunidade Sucuri. In this community, the Festejo de São João has been held for many years, which takes place every year in the month of June, from the fifteenth to the twenty-fourth. It is a traditional cultural festival of the local people. The objective of this research was to describe and understand the knowledge and practices of the Kalunga people practiced during the Festejo de São João in the Sucuri Community. The research question is: how is the São João Festival structured, organized and carried out in the Kalunga do Sucuri Community? Qualitative research is used, of an ethnographic nature, developing with memories and experiences of the author, and with data obtained through field research and interviews carried out with elderly women and men who have a great bond and active participation in the knowledge and cultural activities developed in the party. The production of this research work provides evidence of the cultural, religious and identity potential that the Kalunga people possess. As a Kalunga quilombola, I feel committed to the mission of encouraging youth to learn more about our identity, so that the culture of our people does not fall into oblivion. When carrying out this research, the following results became evident: the Festival of São João changed according to the passage of time; several sociocultural practices were lost and were no longer practiced; Several factors are directly and indirectly linked to the transformations that have occurred in the practices that make up the festival, and one of them is the lack of interest among young people in appreciating our cultural manifestations that define our identity.

Keywords: Quilombo Kalunga; Sociocultural Practices; Celebration of Saint John; Kalunga do Sucuri Community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Mapa das comunidades quilombolas de Monte Alegre de Goiás.....	17
Imagem 2 - Sarnarealina de Castro Torres (Dona Lina)	27
Imagem 3 – Procópia dos Santos Rosa (Dona Procópia ou Iá Iá Procópia)	28
Imagem 4 – Alecy Fernandes de Castro (Tico)	28
Imagem 5 – Lourdes Fernandes de Souza (Bia Kalunga)	29
Imagem 6 – Organização espacial do Festejo de São João.....	31
Imagem 7 – Croqui do Festejo de São João.....	32
Imagem 8 – Levantamento do mastro de São João.....	33
Imagem 9 - Rezando a novena na igreja de São João.....	34
Imagem 10 – Fogueira de São João.....	34
Imagem 11– Casamento de Bia Kalunga e Wilian dos Santos Costa nas cinzas da fogueira de São João.....	36
Imagem 12 – Batizados na Capela de São João – Sucuri	38
Imagem 13 – Batizados na Capela de São João– Sucuri	39
Imagem 14 – Barraco enfeitado para receber os convidados do batizado – Sucuri	40
Imagem 15 – Barraco enfeitado para receber os convidados do batizado – Sucuri	40
Imagem 16 – Criança sendo batizada nas cinzas da fogueira de São João– Sucuri	41
Imagem 17 – Confeção da coroa para a entrega do mastro	42
Imagem 18 - Recebimento do mastro de São João.....	44
Imagem 19 – Relicário no Altar da Capela de São João	50
Imagem 20 – Pedacos de uma imagem de São João.....	51
Imagem 21– Bandeira 1 de São João.....	51
Imagem 22– Bandeira 2 de São João.....	52
Imagem 23 – Bandeira 3 de São João.....	52
Imagem 24 – Bandeira 4 de São João.....	53
Imagem 25 – Imperador do Festejo em 1982.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQK	Associação do Quilombo Kalunga
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado de Goiás
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O QUILOMBO KALUNGA E SEU POVO	13
3. METODOLOGIA	22
3.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	22
3.2 PESQUISA ETNOGRÁFICA	23
4 RESULTADOS E ANÁLISE	27
4.1 A COMUNIDADE SUCURI NO QUILOMBO KALUNGA E O FESTEJO DE SÃO JOÃO.....	29
4.2 DOS ACHADOS DA PESQUISA.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	56
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM: SARNAREALINA DE CASTRO TORRES	58
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM: PROCÓPIA DOS SANTOS ROSA	62
APÊNDICE D- ENTREVISTA COM: ALECY FERNANDES DE CASTRO	65
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM: LOURDES FERNANDES DE SOUZA	69

1. INTRODUÇÃO

Como quilombola Kalunga, nascido e criado no território, busco com este trabalho conhecer e divulgar a cultura da minha comunidade. Como recorte para esta pesquisa, tomei como tema de investigação o Festejo de São João (alusão ao Santo Católico São João Batista) que ocorre na Comunidade Sucuri, no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, município de Monte Alegre de Goiás. De acordo com os relatos dos guardiões dos saberes, esse festejo existe há muitos anos, e possui um grande valor simbólico cultural e histórico para o povo Kalunga.

A festa começou entre família há muitos anos, sendo realizada a cada ano na casa de alguém. Depois de um longo tempo, começou a ser praticada em um só local, se transformando de uma “Festa Entre Família” para “Festa de Grande Porte”. Os povos das comunidades são os responsáveis pelo cuidado do festejo e a realização da festa todos os anos, pois todos juntos fazem a festa acontecer.

Não se sabe concretamente quando a festa começou a ser praticada, a informação que se tem é que ela existe desde século XVIII, após a chegada dos escravizados fugitivos da escravidão no estado de Goiás. Sendo assim, depois de sua criação, esse festejo foi passando de gerações por gerações, dos mais velhos para os mais novos até os dias atuais.

A Festa de São João tem duração de 10 dias, sendo 9 dias de novenas e um dia considerado o dia de São João. Possui calendário fixo anual para o seu acontecimento. As pessoas das comunidades se reúnem e participam da celebração. A festividade é realizada entre os dias 15 e 24 de junho, recebendo pessoas de diversas localidades quilombolas.

Na Comunidade Sucuri está acontecendo perdas de saberes, aqueles considerados fundamentais para a permanência da identidade do povo local, já que os mais jovens do quilombo não estão aprendendo as práticas importantíssimas para o futuro dos nossos descendentes e da nossa comunidade em si. Ao longo dos anos, o Festejo de São João vem sofrendo algumas alterações. Uma prova disso são as práticas culturais e religiosas deixadas de serem praticada no festejo, como: a Folia de Cipó, o Boilé, a Alvorada, a Reza de Divino José.

Na busca de melhor compreender o papel e o significado cultural e religioso desse festejo, lanço a seguinte **questão de pesquisa**: como se estrutura, se organiza e se realiza o Festejo de São João na Comunidade Kalunga do Sucuri?

Para responder a essa questão, tenho como **objetivo geral** deste trabalho descrever e compreender os saberes e fazeres do povo Kalunga praticados no Festejo de São João na

Comunidade Sucuri, através de memórias e histórias de anciões e guardiões dos saberes do povo Kalunga, que possuem um grande vínculo cultural e religioso com esse festejo. Como **objetivos específicos**, tenho: investigar a história do Festejo de São João na Comunidade Kalunga do Sucuri; descrever os saberes e fazeres praticados no Festejo de São João na Comunidade

Kalunga do Sucuri; compreender o papel do Festejo de São João para a Comunidade Kalunga.

Espera-se que, com os resultados deste trabalho realizado na comunidade, que os jovens comecem a valorizar e aprender os saberes e fazeres que estão presentes em nossas identidades, e que tragam incentivos para que eles tenham mais interesse em participar das práticas socioculturais presentes no festejo e em nosso quilombo, já que memórias serão contadas pelos anciões e anciãs da comunidade.

A pesquisa é qualitativa e de cunho etnográfico. Foi desenvolvida uma pesquisa de campo com a vivência do festejo, como registros fotográficos e no caderno de campo. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com personagens importantes e históricas dessa manifestação cultural.

O presente trabalho está subdividido em cinco partes. Na primeira, encontra-se a introdução, onde são apresentadas as justificativas, os objetivos, e a questão a ser investigada. Na segunda parte, trago os referenciais teóricos, fazendo a fundamentação referente ao Quilombo Kalunga e seu povo. Na terceira parte é explicitada a metodologia utilizada na realização do trabalho. Na quarta parte, descreve-se a Comunidade Sucuri, seu povo, e as manifestações socioculturais presentes no Festejo de São João. Por fim, na quinta parte, construí as considerações finais, com diálogos e exposições dos resultados obtidos na pesquisa.

2. O QUILOMBO KALUNGA E SEU POVO

A princípio, deve-se entender o que são um “Quilombo” e “Kalunga”.

A historiografia brasileira registra que quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos, que vem sendo modificado através dos séculos. Quilombo é um termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta. Esses locais se transformaram em verdadeiras comunidades e cidades. Muitas delas foram destruídas, outras, no entanto, permaneceram intactas até o fim do regime de escravidão no Brasil, em 1888 (Baiocchi, 1999).

Dialogando com Baiocchi (1999), é de suma importância enfatizar que o termo “Quilombo” defendido por ela tem tudo a ver com o Quilombo Kalunga, pois significa acampamento guerreiro na floresta. Foi o que exatamente aconteceu: os refugiados, ao chegarem nessa região, acamparam no meio da floresta em busca de um melhor refúgio no intuito de guerrilhar de forma silenciosa contra os senhores que os escravizavam.

Ainda, na perspectiva dessa autora, o maior Quilombo do Brasil resistente até nos dias de hoje é o Kalunga, reconhecido oficialmente em 1991 pelo governo do estado de Goiás, como Sítio Histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga, parte essencial do Patrimônio histórico e cultural brasileiro, localizado na Região Centro-Oeste, em Goiás; que sobrevive ainda hoje com poucas mudanças de quando foi iniciado, há mais de duzentos anos. No território Kalunga estão localizados os três municípios: Monte Alegre, Teresina e Cavalcante-GO, onde estão inseridas várias comunidades distantes umas das outras (Baiocchi, 1999 *apud* Souza, 2014, p. 20).

De acordo com Baiocchi (1999) e Souza (2014), somente depois de um grande tempo de lutas que os quilombos dos Kalunga foram reconhecidos pelo governo do estado de Goiás. Sendo assim, é perceptível que o Kalunga é um território quilombola muito antigo, e só depois foi descoberto e reconhecido oficialmente pelo governo do estado de Goiás.

Segundo Baiocchi (1999), o termo Kalunga tem um significado que envolve o sentimento de território, sendo considerado um lugar sagrado e ainda uma planta que nunca seca, a Simaba Ferrugínea, que representa o poder e a ancestralidade, valorizando a memória dos antepassados africanos, que primeiro se enraizaram naquelas terras, transformando o espaço geográfico, fortalecendo sua identidade (Souza, 2014, p. 10).

Conforme Baiocchi (1999) e Souza (2014), o termo “Kalunga” possui dois significados de grande relevância. O primeiro com significância de território sagrado, e o segundo como uma planta que não seca, mesmo no período da estiagem devastadora. Sentidos que têm muito a ver com o povo do território Kalunga, habitado por um grupo de pessoas resilientes. Mesmo com tantas dificuldades enfrentadas, essa população nunca esmorece e segue lutando por melhoras, com a esperança e a fé acima de tudo.

Quilombo é um símbolo de luta dos negros no Brasil, era um lugar de difícil acesso, onde os negros se refugiaram dos senhores de escravos que os tratavam com os piores castigos, esse local foi se modificando em verdadeiras comunidades e cidades (Souza, 2014, p. 11).

Na visão da autora citada acima, cabe salientar que o termo “Quilombo” tem um significado grandioso e com grande historicidade, dando ênfase à luta dos povos negros refugiados da escravidão no Brasil, formando comunidades quilombolas tradicionais de grande valor histórico e identitário.

Há mais ou menos 300 anos, no tempo da escravidão, nasceu no norte goiano na denominada “Chapadas dos Veadeiros”, o Quilombo do Povo Kalunga, constituído por escravizados trazidos do continente africano para trabalharem nas minas de ouro do estado de Goiás. Após os múltiplos sofrimentos e torturas, muitos dos escravizados fugiam. Alguns eram encontrados e sofriam diversos castigos; outros foram mais sagazes em suas fugas, partiram para bem longe do núcleo escravista e encontraram um local de excelentes características para se esconderem dos senhores que os escravizavam.

A história do povo Kalunga se deu com Processo histórico do Território há mais de duzentos anos. Segundo Baiocchi (1999, p. 27), a história dos Kalunga remete-se a 1722 quando Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, e João Leite da Silva Ortiz, ao iniciarem a colonização e implantação do ciclo minerador, as Minas dos ‘Goyazes’ desencadeiam um processo de povoamento (Souza, 2014. p. 24).

Seguindo as afirmações de Baiocchi (1999) e Souza (2014), é notório que existia escravização nas mineradoras do estado de Goiás. Acredita-se que, nessa ênfase, os cativos que fugiram à procura de uma localidade bem distante para se refugiarem, vieram para o Quilombo Kalunga, localidade permeada de serras gigantescas, morros e rios. Tais características naturais dificultavam o fácil acesso à localidade e, consequentemente, os escravizadores de negros não os encontrariam facilmente nessa terra, entre serras, rios e floresta, que não possuía estradas.

Às margens do rio Paranã constituiu-se um dos maiores redutos de luta contra a escravidão e opressão aos africanos que foram trazidos à força para o Brasil. O quilombo dos Kalunga teve seu início no ciclo do ouro com os bandeirantes que vieram para o norte do estado de Goiás e trouxeram esses seres humanos em condições de escravos para trabalharem na mineração e outras atividades. Isso nos remete ao ano de 1722, quando as expedições de bandeirantes implantam nessa região o ciclo da mineração, à procura de ouro e pedras preciosas. Nesse processo, fundaram-se os arraiais de Cavalcante, nome que se manteve, Santo Antônio do Morro do Chapéu, hoje Monte Alegre de Goiás, Arraías, nome que se manteve, e São José da Palma, hoje a cidade de Paranã (Khidir, 2018, p. 59).

Segundo Khidir (2018), às margens do rio Paranã encontra-se o Quilombo dos Kalungas ou Quilombo Kalunga, formado no estado de Goiás na época do garimpo do ouro, quando os bandeirantes trouxeram os escravizados para trabalharem nas minas em condições desumanas. Com isso, alguns cativos fugiram constituindo o Quilombo Kalunga como forma de resistência contra a opressão.

No livro “Uma história do povo Kalunga” (Secretaria de Educação Fundamental, 2001, p. 134), a autora afirma que:

Kalunga tem uma história de lutas que começou lá no final do século XVIII. Foi então que, fugindo do cativeiro, os africanos trazidos para o Brasil como escravos e seus descendentes formaram um quilombo no vale do rio Paranã e deram início à formação do povo Kalunga.

Nas palavras da Secretaria de Educação Fundamental (2001), cabe salientar que a história do Quilombo Kalunga se iniciou desde o final do século XVIII, e vem sendo construída até os dias atuais no século XXI.

Essa história atravessou todo o século XIX, quando foi crescendo a população do território, e todo o século XX, com suas lutas duras e difíceis conquistas. Segundo Baiocchi (2010 p. 8), “os Kalunga habitam na região norte do estado de Goiás em 257.000 hectares de vales, rios e montanhas situadas às margens direita e esquerda do rio Paranã”. A comunidade Kalunga era um lugar de difícil acesso, onde os negros se refugiaram dos senhores de escravos (Torres, 2018, p. 13).

Segundo as afirmações de Torres (2018), é notório que o Quilombo Kalunga é um local de grande valor histórico, cultural e identitário, pois existe desde aproximadamente o final do século XVIII. É perceptível que dentro do quilombo existiram várias gerações até os tempos da atualidade. Cabe enfatizar ainda que, de acordo com Torres (2018), o território Kalunga é amplo em extensão territorial, possibilitando o grande fluxo de migrações internas e, consequentemente, o processo de produção alimentícia, através das roças, e a reprodução humana.

O maior quilombo do Brasil resistente até nos dias de hoje é o Kalunga, reconhecido oficialmente em 1991 pelo governo do estado de Goiás, como sítio histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga, parte essencial do Patrimônio histórico e cultural brasileiro, localizado na região Centro-Oeste, em Goiás, que sobrevive ainda hoje com poucas mudanças de quando foi iniciado, há mais de duzentos anos. No território Kalunga estão localizados os três municípios: Monte Alegre, Teresina e Cavalcante-GO (Souza, 2014, p. 18).

O Quilombo Kalunga está localizado na região norte do estado de Goiás. É um Sítio Patrimonial Histórico-Cultural recheado de culturas, manifestações, costumes, saberes e fazeres, tornando o Kalunga um lugar repleto de identidades culturais fortemente sólidas e transformadoras para o povo local.

Segundo Baiocchi (2010 p. 8), “os Kalunga habitam na região norte do estado de Goiás em 257.000 hectares de vales, rios e montanhas situadas às margens direita e esquerda do rio Paranã”.

Dialogando com Torres (2018), cabe salientar que o rio Paranã passa em muitas das localidades do Kalunga entre morros e montanhas, sendo elas do município de Cavalcante de Goiás, Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás, Paranã Tocantins e Arraias Tocantins.

O povo Kalunga apresenta práticas socioculturais que se constituíram há cerca de três séculos. Ao longo do tempo, desenvolveu técnicas e formas de viver naquele lugar. Também estabeleceu maneiras de cultivar a terra, de criar animais e de desenvolver o extrativismo no cerrado. Produziram também técnicas de construção de edificações para moradia e outros fins (Khidir, 2018, p. 2018).

Nas palavras de Khidir (2018), é primordial ressaltar que o povo Kalunga, com cerca de 300 anos de existência, possui práticas socioculturais, cultivo da terra, criações de animais, extrativismo no cerrado e técnicas de construções, edificando suas próprias casas com materiais retirados diretamente da natureza de onde vive. São tais características de um povo que, após se refugiar, teve que inventar para conseguir sobreviver.

Os festejos tradicionais que ocorrem ao longo dos anos nas regiões do Quilombo Kalunga na Chapada dos Veadeiros têm um grande potencial empírico como parte das tradições do povo local. Um exemplo desses saberes desenvolvidos são os festejos que ocorrem em todas as localidades do quilombo, sendo que cada região do Kalunga tem um calendário específico para celebrar as festas de tradições religiosas e culturais.

Para uma visualização de como chegar à Comunidade Sucuri, no Quilombo Kalunga, faço aqui uma descrição do trajeto. Saindo de Monte Alegre de Goiás até as regiões dos Kalunga, percorre-se as seguintes rotas: Saindo de Monte Alegre de Goiás pela rodovia estadual GO 118, sentido a Teresina de Goiás e Cavalcante; antes de chegar na ponte do rio Paranã, há uma estrada de chão logo à direita; adiante nessa estrada, cheia de lombadas e buracos, passase por pontes de madeira construídas, muitas das vezes, pelo povo Kalunga. Após aproximadamente 5 km encontra-se o início do Kalunga de Monte Alegre de Goiás: Kalunga Pé da Serra. Adiante, após subir a Serra da Ursa, calçada com concreto por conta do

terreno acidentado, existe a fazenda Ursa. Logo após, passa-se por pontes de tábuas, veredas, morros, córregos de pequeno porte, chegando à fazenda Boa Sorte. A uns 5 km à frente é a fazenda Bom Jardim. Posteriormente, a aproximadamente 2,5 km chega-se à fazenda Tinguizal. Logo depois de passar dessa localidade, passando por córregos e subidas íngremes, existe a fazenda Riachão. A cerca de 3 km se encontra a Comunidade Sucuri. Adiante, existe a fazenda Areia. Depois, a fazenda Saco Grande e, dentre outras localidades, ficam São Pedro, Carolina, Curral da Taboca, Barra e Contendas.

Para uma outra visão cartográfica, vejamos a imagem 1 do mapa do território Kalunga no município de Monte Alegre de Goiás:

Imagem 1- Mapa das comunidades quilombolas de Monte Alegre de Goiás



Fonte: Brasil (2013).

O Quilombo Kalunga é considerado rico em diversidades de culturas e tradições como, por exemplo: dançar e cantar Sussa; os conhecimentos empíricos do modo de vida e da tradição cultural Kalunga: o casamento na fogueira, o uso de remédios caseiros, benzimentos, rezas, parteiras, folhas, entre outros. Pode-se observar que

esses saberes estão desaparecendo ao longo do tempo. Isso são consequências de influência externa, que está também nos acarretando vários problemas, alguns deles são a indústria cultural e a individualização humana. O que faz distanciar mais ainda da coletividade e dos saberes (Souza, 2014, p. 16).

Como foi retificado por Souza (2014), o Kalunga é rico em diversas manifestações culturais e tradições religiosas, tornando o quilombo um lugar de identidades própria, sendo uma localidade de amplo potencial em expressões tradicionais culturais.

O povo Kalunga possui no olhar a mensagem de resistência e luta, pois vive em uma localidade de difícil acesso e trabalha muito para conseguir produzir alimentos para a sua subsistência. No quilombo não existem máquinas agrícolas para fazer o preparo do terreno para o plantio. São feitas as roças de toco, nas quais primeiramente faz-se a roçada do local pretendido; posteriormente, a derrubada das árvores maiores, deixando o mato derrubado e roçado secar para atear fogo. Em seguida, os restos de madeira que não queimaram são usados para construir a coivara, que significa amontoar os restos de madeira e gravetos um em cima do outro para queimar novamente, até que restem somente os tocos. Esses tocos são resultado dos cortes das árvores com machado, por isso chama-se roça de toco. Após roçar o terreno, derrubar as árvores, cercar o local, faz-se o plantio das espécies, que são: arroz, milho, feijão, mandioca, melancia, abóbora, quiabo, maxixe, melão, dentre outras plantas alimentícias que servem para o pessoal das comunidades tradicionais.

Carvalho e Costa (2012) destacam que o modo camponês de praticar a agricultura não está desvinculado do modo de viver em família e que essa complexa interação é variável nos tempos e nas circunstâncias” (Carvalho; Costa, 2012 *apud* Dias, 2021, p. 15).

O povo Kalunga também possui a criação de bovinos, para o consumo interno, criação de galinha caipira e de suínos. Existe um grande rio que banha as localidades Kalunga, o famoso rio Paranã, onde as pessoas pescam para o consumo local e até mesmo o utilizam para retirar água para o consumo, pelo motivo de algumas regiões não possuírem água encanada.

[...] sobrevivem da agricultura de subsistência e de benefícios do governo federal; bolsa família, aposentadoria e, às vezes, cesta básica. Os moradores cultivam o plantio de: mandioca, arroz, abóbora, quiabo, jiló, andu, fava e outros cultivos agrícolas, para o sustento da família. A comunidade tem uma cultura muito rica e diversificada, onde as manifestações artísticas, culturais e lazer integram ao seu cotidiano (Torres, 2018, p. 13).

Seguindo as afirmações de Torres (2018), são notórias as características do povo do Quilombo Kalunga e suas formas de sobrevivência, através do plantio de diversas culturas alimentícias e algumas atividades econômicas desenvolvidas dentro das comunidades.

Os Kalunga possuem crenças, manifestações religiosas, saberes, fazeres e costumes que são passados de geração para geração, são eles/elas: Folias, Festejos Tradicionais Religiosos, Rezas Tradicionais, Produções de Plantas Medicinais, Produção de Medicamentos Caseiros, Produções de Roupas, Benzimentos, Produção Agroecológica, Produção de Farinha de Mandioca, A Dança do Boiler, e a Sussa Kalunga.

É importante dizer que os instrumentos artísticos são feitos pelos próprios Kalunga, produzem artefatos de couro, tecelagem, cerâmica e arquitetura. Tão importante quanto elas são suas festas; ainda como acontecia nos tempos antigos, as festas são momentos de encontro de famílias, diversão e crenças, onde se apresentam rezas e danças: Sussa, Bolé, Alvorada, levantam mastros, impérios, batizados e os comes e bebes. Os Kalunga têm fortes crenças e são devotos à divindade, prova disso as rezas, folias, as danças principalmente a Sussa são momentos de agradecimentos aos santos festejados nas capelas, como: Nossa Senhora da Abadia, São João Batista, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Remédios, São Gonçalo, Divino Espírito Santo e outros santos (Souza, 2014, p. 27).

Dialogando com as afirmações de Souza (2014), é primordial ressaltar que ele descreve as condições de sobrevivência do povo Kalunga e os seus saberes e fazeres de uma forma objetiva e clara, em um panorama extraordinário, representando os povos do Quilombo Kalunga e suas especificidades identitárias e culturais.

Olhando para o tempo, é essencial salientar que a evolução dentro do território Kalunga, de acordo com contações de histórias de maneira oral e espontânea pelos mais velhos da comunidade, ressaltavam algumas situações sobre a antiguidade do povo local.

Segundo os anciões e guardiões dos saberes desse povo, tempos atrás no Kalunga não havia estrada para carro e motocicletas, a única que existia era a estrada cavaleira, que só servia para andar a pé e a cavalo. Os mais velhos diziam que naquela época eles iam para a cidade de Monte Alegre de Goiás a cavalo, e os que não possuíam cavalos iam a pé, ou seja, andavam aproximadamente 100 km a pé ou a cavalo.

Como naquela época as roupas eram muito difíceis de obter, as pessoas plantavam algodão, colhiam, fiavam, teciam e faziam roupas e cobertores de algodão. Meus avós salientavam que antigamente nada era fácil, e que os povos se reproduziam bastante tendo muitos filhos, cada mulher tinha entre 8 e 12 filhos. As crianças eram criadas através de produções de alimentos agroecológicos produzidos por eles mesmos nas roças de toco feitas pelos povos do quilombo.

Segundo meu avô, João da Costa Serafim, as escolas aqui na comunidade eram muito difíceis, pois somente existiam em poucas localidades. Por isso, alguns jovens que queriam aprender a ler e escrever andavam em média de 15 a 20 km para chegar na escola. Nessas escolas não existiam lanches, apenas estudavam e iam embora com a barriga vazia. Além

disso, em lugar nenhum do Kalunga existia energia elétrica, água encanada, postinho de saúde e nem saneamento básico. Quando alguém da comunidade adoecia e precisava ir para a cidade, era levado na rede. As pessoas amarravam a rede de deitar em um varão rígido, colocavam o indivíduo dentro, com uma pessoa segurando na frente e outra atrás, revezando entre parentes do doente.

Vendo a necessidade do nosso povo, as matriarcas Procópio e Santina Fernandes foram até os governantes do estado de Goiás e conseguiram escolas para as localidades: Fazenda Riachão, Fazenda Sucuri e Fazenda São Pedro. Tais escolas que estão em funcionamento até os dias de hoje.

Levando em conta as realidades apresentadas acima, é importante enfatizar os benefícios que chegaram até o Quilombo Kalunga. Nos tempos atuais, o Kalunga avançou bastante, conseguiu estrada com mais qualidade, muitos dos moradores têm carros e fazem o transporte de pessoas e mercadorias da cidade para o Kalunga e vice e versa. Outras pessoas possuem motos. Chegou também a energia elétrica nas comunidades quilombolas e, consequentemente, possuem acesso à internet via *wi-fi* em algumas residências.

Possuem também água encanada na maioria das comunidades. Somente na Comunidade São Pedro não há água encanada. Existem escolas em cada parte das localidades Kalunga, com professores qualificados, alguns cursando mestrado; outros cursando doutorado, e assim por diante, e também professores formados lecionando dentro do Kalunga. Os jovens e adultos conseguem ingressar nas universidades e recebem uma bolsa de estudos nomeada por “Bolsa Quilombola” no valor de R\$ 1.400,00 para os estudantes remanescentes de quilombo conseguirem permanecer na universidade.

Dentro do nosso território Kalunga tem a Associação do Quilombo Kalunga (AQK), a representante legal do povo Kalunga, a qual constitui regimentos e normas internas para as comunidades quilombolas, buscando solucionar as demandas dos Kalunga. É primordial ressaltar que nos territórios dos Kalunga tem várias associações além da AQK, pois algumas localidades possuem organizações internas próprias e constituem suas próprias associações.

Dentro do território temos a honra de dizer que possuímos vereadores Kalunga, prefeito Kalunga dentro do meio político, diretoria das Escolas Quilombolas dentro do Kalunga, com diretores do próprio quilombo, e professores que foram aprovados em concurso público da Secretaria de Estado da Educação (Seduc). Tudo isso é símbolo de revolução e avanço do nosso território, pois, a cada tempo que passa, os remanescentes de quilombo vêm

conquistando seus direitos, ganhando espaços nas universidades e adquirindo novos conhecimentos que transformem as pessoas e o espaço onde vivem.

Diante de todas as dificuldades vencidas e as conquistas que vêm emergindo, vale salientar que os Kalunga são guerreiros e não desistem de lutar pelas melhorias dentro do Quilombo Kalunga. Fazem de suas dificuldades desafios e continuam em busca de melhorias para o seu povo; buscam saúde, educação de qualidade e direitos sociais que todo cidadão brasileiro deve ter.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo trazemos os fundamentos teóricos sobre o tipo de pesquisa que foi realizado, os caminhos metodológicos e os instrumentos utilizados na realização deste trabalho, para que o leitor entenda o método desta pesquisa e seu contexto.

3.1 Pesquisa Qualitativa

Neste trabalho foi utilizada a pesquisa qualitativa, com a finalidade de investigar, avaliar e dialogar com as informações coletadas.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (Chizzotti, 2008, p. 79).

Dialogando com Chizzotti (2008), na pesquisa qualitativa há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, existe uma reciprocidade entre o pesquisador e o objeto de pesquisa que é o sujeito pesquisado, dando assim uma particularidade a esse modelo:

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. Essa compreensão será alcançada com uma conduta participante que partilhe da cultura, das práticas, das percepções e experiências dos sujeitos da pesquisa, procurando compreender a significação social por eles atribuída ao mundo que os circunda e aos atos que realizam. Essa participação não pode ser mera concessão de um sábio, provisoriamente humilde, para efeitos de pesquisa. Supõe que o conhecimento é uma obra coletiva e que todos os envolvidos na pesquisa podem identificar criticamente seus problemas e suas necessidades, encontrar alternativas e propor estratégias adequadas de ação (Chizzotti, 2008, p. 81).

Conforme Chizzotti (2008), na pesquisa qualitativa o pesquisador é a peça principal do estudo. Ele se torna um indivíduo disposto a observar as manifestações do objeto de averiguação, se tornando um sujeito aberto a compreender as significações dos dados obtidos.

Na pesquisa qualitativa todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais. Esses saberes particulares com a totalidade, as experiências individuais com o contexto geral da sociedade (Chizzotti, 2008, p. 82).

Em outras palavras, os sujeitos observados são os responsáveis pela elaboração dos conhecimentos. Sendo assim, o investigado é o objeto central a ser explorado, os pesquisados possuem um conhecimento prático e prévio sobre determinado assunto a ser verificado.

Cria-se uma relação dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado que não será desfeita em nenhuma etapa da pesquisa, até seus resultados finais. Esta relação viva e participante é indispensável para se apreender os vínculos entre as pessoas e os objetos, e os significados que são construídos pelos sujeitos. O resultado final da pesquisa não será fruto de um trabalho meramente individual, mas uma tarefa coletiva, gestada em muitas microdecisões, que a transformam em uma obra coletiva (Chizzotti, 2008, p. 83).

Nas palavras de Chizzotti (2008), o pesquisador e o pesquisado criam uma relação dinâmica para que dados sejam obtidos, e o resultado final da pesquisa é fruto coletivo, no qual o pesquisador e o pesquisado unem ações que trazem como resultados das informações almejadas pelo investigador.

3.2 Pesquisa Etnográfica

Dos tipos de pesquisa qualitativa, a investigação etnográfica é a que mais se adequa neste trabalho. Assim, foi realizado um trabalho de campo, com entrevistas utilizando roteiro semiestruturado, gravador de voz e câmera fotográfica. Foram realizadas observações atentas e análise dos dados obtidos, uma vez que a pesquisa etnográfica permite uma dinâmica flexível entre o pesquisador e o sujeito pesquisado.

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (Mattos, 2011, p. 50).

Dialogando com Mattos (2011), a etnografia é uma técnica de investigação centrada no senso questionador do etnógrafo. Nessa forma de pesquisa não existe um padrão rígido e, sim, segue, contextualizando, as informações obtidas no trabalho de campo com os sujeitos pesquisados.

Etnografia é também conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira,

uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula (Mattos, 2011, p.52).

De acordo com Mattos (2011), a etnografia é composta pelas seguintes características: observação, exploração com modelo interpretativos, investigação com interpretações das manifestações. Ainda de acordo com Mattos (2011), na etnografia um dos principais objetivos é a observação direta de um determinado grupo social, analisando suas características e manifestações.

Para Mattos (2011),

No estudo etnográfico observa-se as maneiras que os grupos sociais organizam suas vidas e manifestações, com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem, o objetivo é documentar, observar, encontrar o significado da ação (Mattos, 2011, p. 5).

Gerhardt e Silveira (2009) abordam as seguintes características referentes à pesquisa etnográfica:

- O uso da observação participante, da entrevista intensiva e da análise de documentos;
- A interação entre pesquisador e objeto pesquisado;
- A flexibilidade para modificar os rumos da pesquisa;
- A ênfase no processo, e não nos resultados finais;
- A visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências;
- A não intervenção do pesquisador sobre o ambiente pesquisado;
- A variação do período, que pode ser de semanas, de meses e até de anos;
- A coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório.

É primordial ressaltar que esse tipo de investigação difere dos outros modelos, tornando um método de análise excepcional para quem almeja averiguar sobre algum grupo social e suas manifestações.

O pré-projeto desta pesquisa começou com o professor Gilberto Paulino, na disciplina de TCC 1, na qual tivemos trocas de ideias referentes à escolha de temas, e foi nessa ocasião que surgiu em mim a curiosidade de pesquisar sobre As Práticas Socioculturais do Povo Kalunga realizadas no Festejo de São João, há mais de 300 anos.

Após delimitação do tema, construção do problema de pesquisa, escolha da metodologia de pesquisa, dentre outras partes, passei para a disciplina de TCC 2, quando iniciei a pesquisa, com o orientador Kaled Khidir, escolhendo como metodologia a Pesquisa Qualitativa de cunho Etnográfico.

O trabalho de pesquisa foi dividido nas seguintes partes: Fundamentação Teórica sobre o Quilombo Kalunga e Seu Povo, Fundamentação Teórica sobre a Comunidade Sucuri no Quilombo Kalunga e o Festejo de São João, Pesquisa de Campo no festejo com observações e registros descritivos da festa.

O próximo passo foi a construção de um roteiro de entrevista, o qual possibilitou entrevistar no festejo os anciões e anciãs que há muitos anos realizam a festa, pessoas que guardam em suas memórias descrições detalhadas de todas as manifestações socioculturais que constituem a festa.

Na fundamentação teórica sobre o povo Kalunga, busquei autores que abordam sobre o povo do Quilombo Kalunga, fiz a coleta de dados e, através das análises, observei e descrevi as mudanças ocorridas dentro do território ao longo do tempo.

Em seguida, realizei uma Fundamentação Teórica sobre a Comunidade Sucuri no Quilombo Kalunga e o Festejo de São João, com descrições sobre a comunidade e a festa. Utilizei conhecimentos prévios que eu tenho sobre a comunidade e o festejo; teci com os dados obtidos na Fundamentação Teórica, para tornar a pesquisa clara e objetiva.

Na terceira parte, foi realizada uma pesquisa de campo com observação da festa; registros com fotos, vídeos, e entrevista com anciões e anciãs que participam dos fazeres que constituam a festa.

Foram entrevistadas quatro pessoas do Quilombo Kalunga, as quais possuem um grande vínculo com a festa. Justifico abaixo o porquê da escolha de cada um dos entrevistados. A primeira entrevistada foi Sarnarealina de Castro Torres, conhecida por Dona Lina. Trata-se de uma grande guardiã dos saberes do povo Kalunga, vive na Comunidade Sucuri e, por ter uma ampla importância nas práticas socioculturais do Festejo de São João, também sendo viúva do ex-zelador desse festejo, é rezadeira, cozinheira na festa e ajudante na maioria dos fazeres culturais religiosos que representam a festa.

A segunda entrevistada foi Procópio dos Santos Rosa, conhecida por Dona Procópio ou Iáíá Procópio. Anciã, matriarca do Quilombo Kalunga, foi rezadeira no Festejo de São João, possui um grande papel representativo do povo Kalunga, e é pessoa de imensa relevância identitária para o Quilombo e para o festejo.

O terceiro entrevistado foi Alecy Fernandes de Castro, conhecido por Tico. Nascido e criado na Comunidade Sucuri, é um dos rezadores no Festejo de São João. Organizador das práticas socioculturais nos dias festivos e, há muitos anos, é zelador do local do festejo. Seu pai, Santos, conhecido como Santin, foi um dos maiores zeladores e organizadores da Festa de São João durante muitos anos.

A quarta entrevistada foi Lourdes Fernandes de Souza, conhecida por Bia Kalunga. Neta da Iaiá Procópio, é hoje uma líder no Quilombo e guardiã dos saberes do povo Kalunga, por herdar algumas das funções de sua avó, como representar o povo Kalunga. Participa de vários movimentos artísticos e culturais do povo Kalunga; colabora em várias das práticas socioculturais do Festejo de São João. Neste trabalho, Bia Kalunga é referenciada por três nomes diferentes: Bia Kalunga, Lourdes e Souza.

Após as entrevistas, foram transcritas as falas de todos os entrevistados. Em seguida, foram realizadas as junções dos dados em comum existentes nas falas dos entrevistados, que ecoavam também na fundação teórica referente à Comunidade Sucuri e as práticas socioculturais presentes no Festejo de São João. Após as etapas descritas acima, realizou-se as análises de todos os dados obtidos na pesquisa, seguidas por interpretações e considerações finais. Ainda em relação à transcrição das entrevistas, optamos por uma linguagem com adequações de correção do discurso oral, salvaguardando algumas expressões locais e o contexto das falas. Cabe salientar que esta pesquisa foi construída por partes, possibilitando uma escrita descritiva detalhada, referente ao tema pesquisado, proporcionando um conhecimento mais amplo sobre o povo Kalunga e suas manifestações socioculturais identitárias.

4. RESULTADOS E ANÁLISE

Esse capítulo aborda as descrições sobre a Comunidade Sucuri, o povo e seus modos de vida, suas tradições, costumes e seu vínculo com a Festa de São João, no território Kalunga. Dessa forma, foram usados referenciais teóricos ligados ao tema em abordagem, em especial: Souza (2014) e Torres (2018), autores que pertencem o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural

Kalunga. Serão apresentados também alguns conhecimentos prévios que possuo sobre a Comunidade Sucuri, seu povo e o Festejo de São João, devido ao meu contato direto com a comunidade. Trago neste capítulo também trechos das falas dos(as) entrevistados(as) para que se possa conhecer a Festa de São João pelo olhar deles(as).

Antes de trazermos as falas dos nossos colaboradores e colaboradoras, apresentamos uma breve biografia a seu respeito, que segue:

Imagem 2 – Sarnarealina de Castro Torres (Dona Lina)



Fonte: Beto Landim (2023).

Sarnarealina de Castro Torres (imagem 2), conhecida por **Dona Lina**, possui 76 anos. Nascida e criada na Comunidade Kalunga Fazenda Saco Grande, se mudou posteriormente para a Fazenda Sucuri após encontrar um esposo e se casar (amigar) com ele. Seu falecido esposo era zelador e rezador no Festejo de São João. Ela é conhecida na comunidade como Lina. Lavradora, rezadeira no Festejo de São João, participa de todos os afazeres na festa, cozinha, ajuda a levantar o mastro, reza nas novenas, dentre outros fazeres na festa.

Imagem 3 – Procópio dos Santos Rosa (Dona Procópio ou Iaiá Procópio)



Fonte: Kaled Khidir (2017).

Procópio dos Santos Rosa (imagem 3), conhecida como **Dona Procópio** ou **Iaiá Procópio**, possui 90 anos e é uma das matriarcas do povo Kalunga no município de Monte Alegre. Tem uma ampla história de luta e resistência. É lavradora nascida e criada no território Kalunga, tem dois filhos, foi rezadeira no Festejo de São João por muitos anos. Em 2022 recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Imagem 4 – Alecy Fernandes de Castro (Tico)



Fonte: Beto Landim (2023).

Alecy Fernandes de Castro (imagem 4), conhecido por **Tico**, possui 56 anos de idade. Nascido e criado na Comunidade Kalunga Fazenda Sucuri. É lavrador, sobrevive do plantio de roça de toco, é zelador do Festejo de São João há muito tempo, e rezador nas novenas.

Alecy herdou a função de zelador de seu pai, que foi também zelador, rezador e responsável pelo Festejo de São João.

Imagem 5 – Lourdes Fernandes de Souza (Bia Kalunga)



Fonte: Kaled Khidir (2017).

Lourdes Fernandes de Souza (imagem 5), conhecida na comunidade por **Bia Kalunga**, possui 39 anos. Nascida e criada no Quilombo Kalunga, comunidade Riachão, é uma líder e guardiã dos saberes do povo Kalunga. Atualmente, está como diretora do Colégio Estadual Quilombola Kalunga II do município de Monte Alegre de Goiás. Bia é neta da matriarca Dona Procópio e aprendeu muitas coisas com sua vó, como: rezar, participar das festas tradicionais e liderar dentro do território Kalunga. Bia é casada na fogueira de São João e mãe de três filhos.

4.1 A Comunidade Sucuri no Quilombo Kalunga e o Festejo de São João

O Quilombo Kalunga é amplo em extensão territorial e dividido em pequenas localidades, cada uma com seu nome próprio. Neste trabalho estamos dando ênfase à Comunidade Sucuri, que possui 17 famílias tradicionais que vivem do plantio de roças de toco, criação de bovinos, criação de galinha caipira e suínos para a subsistência local. Sobrevivem também com a renda do Auxílio Brasil, oferecido pelo governo.

O Quilombo Kalunga é considerado rico em diversidades de culturas e tradições como, por exemplo: dançar e cantar Sussa; os conhecimentos empíricos do modo de vida e da tradição cultural Kalunga: o casamento na fogueira, o uso de remédios caseiros, benzimentos, rezas, parteiras, folias, entre outros. Pode-se observar que esses saberes estão desaparecendo ao longo do tempo. Isso são consequências de influência externa, que está também nos acarretando vários problemas, alguns deles são a indústria cultural e a individualização humana. O que faz distanciar mais ainda da coletividade e dos saberes (Souza, 2014. p. 16).

De acordo com Souza (2014), o Kalunga é rico em diversidades culturais e tradições. São realizados diversos saberes e fazeres dentro do quilombo pelas pessoas locais, dando a visão de identidade, histórias, memórias, tradições e saberes empíricos do povo tradicional Kalunga.

A comunidade Kalunga-Sicuri, espaço de intervenção da pesquisa, está situada no Sítio Histórico e Cultural do remanescente Quilombo Kalunga, que se localiza no município de Monte Alegre de Goiás, a 84 quilômetros da cidade, sendo que 44 quilômetros é de estrada de chão, de difícil acesso, o qual se dá somente por meio de transporte particular (Torres, 2018, p. 13).

Seguindo as afirmações de Torres (2018), é importante salientar que as informações são autênticas, possuindo descrições claras e objetivas sobre o Quilombo Kalunga e as rotas até chegar na Fazenda Sucuri. Também que o nome dessa localidade é pronunciado pelos povos da comunidade de duas maneiras: Sucuri e Sicuri, por conta das formas distintas de pronúncias do povo local, ou seja, ocasionado pela variação linguística.

A comunidade Kalunga-Sicuri tem uma cultura muito rica e diversificada, onde as manifestações culturais fazem parte do seu cotidiano. Tão importante quanto essas manifestações é a festa de São João que ocorre todo ano no mês de junho. Essa festa vem de muitos anos, são momentos de encontro de famílias, diversões e crenças. Cada região tem sua própria cultura. A cultura da comunidade Kalunga-Sicuri é marcada pela boa disposição e alegria, a festa de São João é uma grande expressão cultural. Ela é uma tradição que vem acontecendo de muitos anos, pois representa a cultura local e tem um papel social, de união, alegria e tradição. Esse evento acontece todo ano sempre na mesma data, nos dias 15 a 25 do mês de junho, as pessoas da comunidade Kalunga-Sicuri se reúnem para celebrar e cultivar suas crenças e saberes (Torres, 2018, p. 24).

De acordo com Torres (2018), é essencial enfatizar que cada localidade ou região dentro do Sítio Histórico Patrimonial do Quilombo Kalunga possui uma cultura própria de grande relevância social e identitária para cada povo local, e uma dessas manifestações culturais é o Festejo de São João, localizado no Quilombo Kalunga, município de Monte Alegre de Goiás na Comunidade Sucuri.

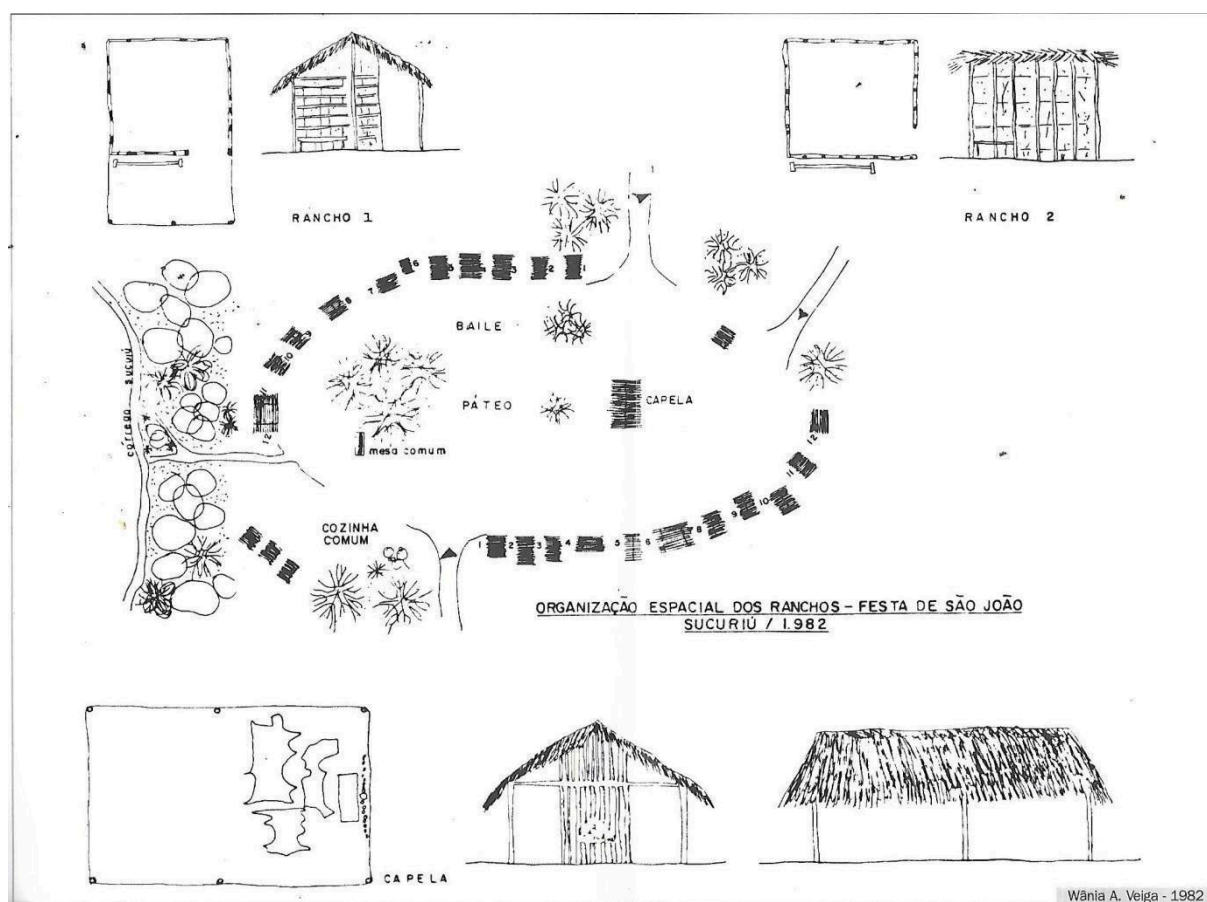
A cultura popular é transmitida de geração em geração, de forma oral ou por imitação, ela nasce do conhecimento, dos costumes e tradições de um povo. E por isso mesmo, os contornos são imprecisos, acolhendo as complexas expressões de saberes, fazeres, práticas e artes produzidas por uma comunidade. Na cultura popular, cabe de um tudo, desde música, canto, dança, encenações, festas, literatura, jogos, brincadeiras, artesanato e culinária tradicional (Torres, 2018, p. 24).

Segundo as afirmações de Torres (2018), o nosso povo Kalunga possui uma cultura popular própria, completa de saberes e fazeres transmitidos de forma oral por conta dos mais

velhos não possuírem alfabetização; por isso, guardam esses saberes na memória e os transmitem oralmente.

Baiocchi (1999) registrou a Festa de São João em seus escritos sobre os Kalunga. Segundo a autora, são símbolos da festa: “o Espaço construído; o Mastro, a Fogueira; a Folia do Cipó; a Capela” (Baiocchi, 1999, p. 55). Na imagem 5, a seguir, tem-se a organização espacial do festejo em 1982:

Imagem 6 – Organização espacial do Festejo de São João



Fonte: Baiocchi (1999).

Imagem 7- Croqui do Festejo de São João



Fonte: Renilton Torres (2023).

Levando em conta as transformações na organização física do Festejo de São João, trouxe dois croquis para representá-lo, antes e depois do seu crescimento.

Na imagem 8 tem-se o Mastro sendo levantado com a bandeira de São João registrada na pesquisa de campo realizada em 2023.

Imagem 8 – Levantamento do Mastro de São João



Fonte: Renilton Torres (2023).

O Festejo de São João na Comunidade Sucuri é um festejo tradicional cultural que possui calendário fixo para a celebração da festa no mês de junho, iniciando no dia 15 e se estendendo até o dia 24, possuindo a duração de 10 dias de festas, sendo 9 dias de novenas e 1 dia considerado o dia de São João, 24 de junho.

Nas novenas há os noveneiros, encarregados de dar comida aos rezadores e a quem comparecer nos dias das novenas. A novena é o período em que os mais velhos vão para o festejo rezar à noite na igreja para o santo São João. Eles pedem ao santo para que os dias festivos aconteçam em paz e que todos cheguem bem na festa.

Imagem 9 - Rezando a novena na igreja de São João



Fonte: Renilton Torres (2023).

Imagem 10 – Fogueira de São João



Fonte: Renilton Torres (2023).

Nas palavras de Dona Lina:

Antes de chegar o dia da festa a gente vem alimpar o festejo e arrumar os barracos para os dias da festa, limpa a igreja também para que, nos dias de reza, tá tudo arrumado. Cada dia da festa nos dias de novena, nós vêm à noite reza, as rezas da novena são iguais todo dia. Se vier gente, nós reza, e se num vier, reza também, num fica uma novena sem reza, nós reza nem se for só três pessoas. O levantamento de mastro é dia nove de novena à noite, depois da reza, dia nove dá dia vinte e três de junho, e dia dez que é o dia de São João, aí o mastro é descido dia vinte e cinco de junho, que é o final da festa. A fogueira é feita no dia que levanta o mastro, dia vinte e três, corta o mastro velho do ano que passou e faz a fogueira na hora que tá levantando o mastro. Tem as candeias de cera de aratin que nós usamos pra hora de levantar o mastro, aí quem fica encarregado pelo mastro, pega a cera, corta as varas e faz as candeias de cera. A cera é de uma abelha chamada aratim.

Tico descreve que:

Derna do começo era assim, aí primeiro vem a novena, né, primeiro dia de novena que é dia quinze, aí vinha o festeiro, né. Nesse tempo tinha aquelas panelas de barro, as panelonas de barro cozinhavam feijão, arroz, abóbora, esses trem, e aí dava a comida todo dia, todo dia, deu primeiro que é dia quinze; dois, dia dezesseis; dezessete é três de novena; dezoito; dia quatro; dezenove; dia cinco; vinte; dia seis de novena; vinte e um, dia sete; vinte e dois, dia oito de novena; vinte e três; dia nove, aí já acabou a novena; dia vinte e quatro que é no dia de hoje aí que é o dia da festa. No dia vinte e três, que foi ontem, reza a novena e vem a levantação do mastro.

Bia Kalunga relata que

A festa se inicia no dia quinze de junho e se estende até o dia vinte e quatro de junho, são nove dias de novena e um dia que é o dia do santo. Nas novenas o pessoal se reúne à noite e reza. Os noveneiros dão a comida e assim segue. Na festa acontece o levantamento de mastro, abaixamento de mastro, rezas todas as noites na igreja, batizado no padre, batizado na fogueira, casamento na fogueira, inclusive eu me casei na fogueira nesse ano de dois mil e vinte e três e foi muito emocionante para mim.

Imagem 11 – Casamento de Bia Kalunga e Wilian dos Santos Costa nas cinzas da fogueira de São João



Fonte: Renilton Torres (2023).

Os casamentos na fogueira de São João acontecem da seguinte forma: no dia 24 de junho, as pessoas que querem se casar procuram um rezador da comunidade que realiza o ritual de casamento na fogueira. Junto com a pessoa que realizará o casamento, tem também os testemunhos de casamento, que são responsáveis por dizer algumas palavras na hora e testemunhar o casamento.

O homem ou mulher que fará o ritual fala os palavreados; os testemunhos de casamento falam algumas palavras específicas no momento. Após todos os juramentos, faz-se com a cinza da fogueira de São João uma cruz na testa do marido e da mulher, e assim finda o ritual.

Cabe salientar que o casamento na fogueira possui características parecidas com o batizado na fogueira. As pessoas que realizam os casamentos na fogueira fazem também o ritual de batizado na fogueira.

É considerado o dia de São João a data de 24/06, quando são realizados diversos cantos, orações e alguns rituais, como: levantamento de mastro, descida de mastro, batizados, casamento na fogueira, dentre outros.

Os rituais dos batizados são divididos em dois modelos: o batizado no padre e o batizado na fogueira, nomeado também por “batizado em casa”, tal nomeação é utilizada pelo povo da comunidade para se referir ao batizado na fogueira, pelo fato de ser feito em barracos, ao invés de ser realizado na igreja.

Nos dias 24 de junho o padre recolhe os nomes de todas as crianças que serão batizadas pelo padre e convoca os pais e padrinhos a comparecerem na igreja no período da tarde, para acontecer o batismo.

Imagem 12 – Batizados na Capela de São João – Sucuri



Fonte: Renilton Torres (2023).

Imagem 13 – Batizados na Capela de São João – Sucuri



Fonte: Renilton Torres (2023).

Após o padre terminar o batizado na igreja, as pessoas da festa são convidadas para os comes e bebes nos ranchos dos pais das crianças que foram batizadas, onde são oferecidos aos convidados: bolo enroladinho, refrigerantes e bebidas alcoólicas.

No momento em que as pessoas vão passando de rancho em rancho, usam zabumba e triângulo para a sonorização do ritual no momento. Os ranchos em que são oferecidos os comes e bebes do batizado são enfeitados com decorações chamativas e bonitas.

Imagem 14 – Barraco enfeitado para receber os convidados do batizado – Sucuri



Fonte: Renilton Torres (2023).

Imagem 15 – Barraco enfeitado para receber os convidados do batizado – Sucuri



Fonte: Renilton Torres (2023).

O batizado na fogueira, tratado também pelo povo da comunidade como “batizado em casa”, é realizado da seguinte forma: os pais das crianças reúnem em seus ranchos os padrinhos, juntamente com a criança, e convidam o responsável pelo ritual do batismo. Os realizadores do batizado são da comunidade. Dessa forma, o responsável pelo batismo realiza o ritual com palavreados e continências.

É primordial ressaltar que o batismo é nomeado por “batizado na fogueira”, porque utilizam cinzas da fogueira de São João no momento do batismo.

Imagem 16 – Criança sendo batizada nas cinzas da fogueira de São João – Sucuri



Fonte: Renilton Torres (2023).

Dona Lina conta que:

No dia vinte três, depois da reza, levanta o mastro. Tem a bandeira de São João que coloca na grade do mastro e sobe o mastro. Na hora que levanta o mastro, usa a candeia de cera. Cada pessoa que tá participando fica com uma candeia nas mãos, na hora de levantar o mastro arroteia ele três vezes cantando: “viva o capitão do mastro vivaaa viva todos que tá na função vivaa ora vivaaa, viva meu São João Batista ora vivaaa”. No dia vinte cinco desce o mastro e entrega para o capitão de mastro do ano que vem.

Nesse dia canta assim: “imperador imperador a bandeira do mastro já abaixou, imperador imperador receba a coroa imperador”. Aí repete o canto várias vezes.

Ainda sobre este momento da festa, Tico fala que:

A levantação do mastro tem que ter o pandeiro, tem que ter a caixa, e aí acende um bocado de candeia dessas de cera. Aí bota elas naquelas varinhas e sai. Bota a bandeira lá no quadro do mastro, aí tem o capitão de mastro e tem a rainha do mastro, aí sai rodando o mastro cantando “imperador, imperador, a bandeira do

mastro levantou”. Tem o canto de dois jeitos. O outro é: “ontem eu fui, hoje não sou quem será imperador”

Os dias das novenas são contados pelos povos do Quilombo Kalunga da seguinte maneira: no dia 15 inicia a novena, por isso o pessoal da comunidade chama esse dia de primeiro de novena; o dia seguinte é tratado como dia 2 de novena, e assim sucessivamente até chegar no dia 23, nomeado pelo povo como dia 9 de novena, o último dia para fazer as rezas de novena. Nas novenas, a mesma reza do primeiro dia será rezada até o último dia.

Imagem 17 – Confecção da Coroa para a entrega do mastro



Fonte: Renilton Torres (2023).

De acordo com a entrevista realizada por Torres (2018), a novena de São João é rezada todos os 9 dias à noite da seguinte forma:

Novena de São João Batista (ritmo cantada) Glorié pai glorié filho. São João santo, de Jesus amado vale-me sempre com vosso amparo. Agora reza o pai nosso, o que tá lá na frente fala: pai é nossê, que está no céu santificadê seja o vosso nome, vem a nós, vosso reino, seja feita a vossa vontade e assim na terra é cuma no céu. O outro responde: O pão nosso cada dia nos dai hoje, nos perdoa nossa dívida assim cumu nós perdoamos vós devedores, não me deixa sinhoru cair em tentação, livrai sinhoru do mal, amém. Avemaria, cheia de graça, o senhor com você, bendita sois vós, entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, nasceu Jesus. Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém. Ai agora torna falar: Glorié, padi é, do filho é, padié, o espírito santo, glorié, se pudera no principia, é de nunca e sempre, é de século seculora amém. São João santo, de Jesus querido, valeme sempre, com vosso patrusino. O outro responde do mesmo jeito: Pai é nossê, que está no céu, santificadê seja o vosso nome, vem a nós vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra é cuma no céu. O pão nosso cada dia nos dai hoje, nos perdoa, nossa dívida, assim cumu nós perdoamos vós devedores, não me deixa sinhoru cair em tentação, livrai sinhoru do mal, amém. Avemaria, cheia de graça, o senhor com você, bendita sois voós, entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, nasceu Jesus. Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós pecador, agora e

na hora de nossa morte, amém. Glorié, padi é, do filho é, padié, o espírito santo glorié, se pudera no principia, é de nunca e sempre, é de século seculora, amém. São João santo, de Jesus, Maria eu quero entrar com vós na hoje e no suspiro. Pai é nossê, que está no céu, santificadê, seja o vosso nome, vem a nós vosso reino, seja feita a vossa vontade, e assim na terra é cuma no céu. O pão nosso cada dia nos dai hoje, nos perdoa nossa dívida, assim cumu nós perdoamos vós devedores, não me deixa sinhoru cair em tentação, livrai sinhoru do mal, amém. Avemaria, cheia de graça, o senhor com você, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, nasceu Jesus. Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós pecador, agora e na hora de nossa morte, amém. Glorié, padi é, do filho é, padié, o espírito santo glorié, se pudera no principia é de nunca e sempre, é de século seculoria, amém. São João santo, Deus é onipotente, vale-me sempre, e para eternamente (Laurindo, 2018 *apud* Torres, 2018, p. 20).

Após as realizações dos 9 dias de novena, iniciada no 15 e findada no dia 23, ocorre o levantamento do mastro de São João. O mastro é uma madeira bem comprida e ereta, medindo aproximadamente 15 metros de altura. Na ponta da madeira é colocada a bandeira de São João. As pessoas levantam o mastro cantando um canto específico.

Como no dia 24 de junho é considerado, pelo povo da comunidade, dia de São João, é nesse dia que o festeiro é encarregado de fazer a celebração da festa. Ele distribui comida para as pessoas que estão presentes na festa, e rezam na igreja o bendito de São João no ritmo cantado. No mesmo dia, tem o momento de descer o mastro que foi levantado no dia anterior. Assim como tem o canto para o levantamento do mastro, tem também o canto para o descer do mastro.

Segundo Torres (2018), o bendito de São João é cantado/rezado da seguinte forma:

Sinhó São João Batista, e é um amor sem segundo, ele desceu do céu pra terra para vir correr seu mundo, são João tem grande gosto, mas também grande pesar, dele sabe de seu dia para vir lhe festejar, são João tem grande gosto, mas também grande alegria, dele dá com sua capela do festejo de seu dia, de são João se bem soubesse, de quando era seu dia, descia do céu pra terra, com prazer e alegria, nossa senhora pediu, mas quem num ama ninguém, só amar só Jesus Cristo que sinhó que falam bem, naquela fonte abismada, aonde que São João lavava, e era um tanque de diamante que o São João se alumiaava, que donzela Santa Isabel, que com santua já rendada, de sensata ensinava aonde São João se enxugava, São João batizou Jesus, e Jesus batizou São João, e foram tudo batizado, lá no rio de Jordão, nossa senhora é nossa mãe, Santana nossa madrinha, igual São João na glória com seus anjos serafim, que sinhó São João batiza, mas é um são deus verdadeiro, e dizendo todos que viva, São João com seu carneiro, vamos oferecer esse bendito, e pra sinhoru que está na cruz, peço pra são João Batista e bela sempre, amém Jesus ((Laurindo, 2018 *apud* Torres, 2018, p. 21).

De acordo com Torres (2018), o canto da descida e entrega do mastro para o novo encarregado é cantado da seguinte maneira: “Canto na entrega do mastro: Imperador, imperador receba essa coroa, imperador, ontem eu fui hoje eu num sou, receba essa coroa, imperador” (p.

21).

Após a descida do mastro de São João, o encarregado que subiu e desceu o mastro faz a entrega para o novo encarregado, que fará o mesmo ritual no ano seguinte. Na entrega do mastro para o novo encarregado do próximo ano, as mesas no barracão estão enfeitadas, cheias de biscoitos, bebidas alcóolicas e refrigerantes. No mesmo momento, o pessoal aproveita para fazer uma sussa na comemoração da entrega de mastro.

Imagem 18 - Recebimento do mastro de São João



Fonte: Renilton Torres (2023).

A festa tem sofrido alterações ao longo dos anos. Nas palavras de Dona Procópio:

Mudou foi demais, as coisas ficaram mais deferentes. Antigamente era assim [...], cantava embaixo do mastro, depois ia cantando até na barraca do capitão de mastro, aí o capitão de mastro dava o que tinha, bolo, pinga e outras coisas, aí saía cantando de barraco em barraco que nem a folia faz, passando de barraco em barraco, girava a festa todinha e arrematava dentro da igreja [...].

O Festejo de São João é caracterizado da seguinte forma física organizacional: cada família que costuma participar nesse festejo possui um rancho para acampar nos dias festivos. Esses ranchos são feitos de madeira, palhas de coco xodó e palhas de buriti, sendo cobertos em cima com as palhas de coco xodó e nas laterais pelas palhas de buriti. Já outras pessoas que vêm das cidades acampam embaixo de grandes árvores em barraquinhas armadas.

A igreja de São João é feita de tijolos e telhas; porém, de acordo com relatos dos mais velhos, tempos atrás era de madeira e palhas. Existe água encanada e luz elétrica no festejo, tem o barracão de dança construído de madeira e telhado de Brasilit, que serve para as pessoas realizarem apresentações nos momentos festivos e dançarem forró.

Fala de Tico:

Teve, dismudou pruguê nessa época a igreja era de palha, aí mudou pra telha, num tinha esses montes de barracos. Os povos arranchavam tudo debaixo dos paus, os barracos eram poucos, as panelas tudo eram de barro, os pratos de barro, os dias da festa continuam igual.

De acordo com Torres (2018),

Como era a festa de São João antigamente? Era do mesmo jeito que é hoje, só que hoje tá mais civilizada, hoje tem a igreja de telha, naquela época a igreja era de palha, quando eu conheci a festa era nesse mesmo lugar que é aí, era o pai do velho Santim que era o dano da festa, era na casa dele que era a festa, ele chamava até Grigório, o mastro levantava na frente da casa dele, antes tinha umas barraquinha, no mais, o povo ranchava debaixo do pé de manga (Vital, 2018 *apud* Torres, 2018, p. 28).

De acordo com Torres (2018), ocorreram algumas mudanças no Festejo de São João, sendo que tempos atrás não havia os ranchos para as pessoas se hospedarem no momento festivo, arranchavam embaixo de grandes pés de madeira. A igreja antes era de palha, já nos dias de hoje é de telha, com isso cabe ratificar que, com o correr dos tempos, algumas estruturas do festejo vêm sendo modificadas de acordo com as realidades e necessidades do povo do lugar. Nos dias em que acontece a Festa de São João vem gente de diversas localidades quilombolas: Kalunga do Pé da Serra; Comunidade Ursa; Boa Sorte; Bom Jardim; Tinguizal; Barra; Contendas; Comunidade Riachão; Comunidade Areia; Comunidade Saco Grande; São Pedro; Carolina; Curral da Taboca; Kalunga do Mimoso; Vão de Almas; Vão do Moleque, que são regiões quilombolas do município de Cavalcante Goiás e até pessoas de Monte Alegre de Goiás.

É importante dizer que a comunidade tem uma cultura muito rica e diversificada, onde as manifestações artísticas, culturais e lazer fazem parte dos seus cotidianos. A festa de São João Batista que acontece todo ano, no mês de junho na comunidade, é o momento de encontro de famílias, diversão e crenças, onde se apresentam as manifestações culturais; rezas, danças e outros eventos (Torres, 2018. p. 14).

Diante dos dados obtidos, cabe enfatizar que o povo Kalunga possui uma rica diversidade cultural de grande relevância para o povo local, e que os momentos festivos trazem muita alegria, transmissão de saberes, dando também a oportunidade de familiares e amigos se

encontrarem, pois muitos moram longe e é nesse momento de festa que ocorrem as oportunidades de encontros e reencontros.

Para Dona Lina,

A importância é boa né, a gente festeja, aí a gente todo ano pede a São João Batista pra ajudar todo mundo ter ano de vida e saúde pra todos nós festejar, é muito bom, todo mundo encontra os amigos e parentes que moram longe.

Já para Bia Kalunga

Uai, penso que seja um momento de celebração em conjunto com as demais comunidades moradoras e comunidades externas, é uma forma de preservar e cultivar nosso futuro.

Cabe salientar que, no período das festanças, ocorrem práticas comerciais que geram economias para o nosso quilombo. Existem minimercarias que funcionam somente no período festivo, vendem mercadorias industriais trazidas da cidade. Ocorre também a venda de carne bovina, as pessoas das comunidades matam gado para vender as carnes na festa para as famílias, pois o almoço nos dias das novenas é por conta de cada um que está presente na festa. As jantãs são oferecidas pelos festeiros e noveneiros. A venda de bebidas alcoólicas é feita em botecos.

De acordo com Lourdes,

[...] muita entrada de produtos industrializados né, ultimamente a preocupação no final da festa é muito grande, pois gera muito lixo, devido ao consumo de muitas coisas industrializadas como refrigerantes, bebidas alcoólicas [...].

No Festejo de São João ocorrem as seguintes manifestações culturais: levantamento de mastro; descimento de mastro; rezas; casamento na fogueira; batizado no padre; batizado na fogueira; sussa, dentre outras práticas exercidas pelos mais velhos da comunidade, pois tiveram contato com os antepassados e aprenderam essas manifestações tradicionais e culturais. Quando indagamos sobre há quantos anos essa festa é praticada, o tempo é demonstrado ao se remeterem a seus antepassados, como pode ser observado nas falas dos entrevistados:

Fala de Dona Lina:

[...] quando eu nasci já tinha muitos anos que tem essa festa, os mais velhos já vinham nessa festa de muitos anos[...].

Fala de Tico:

[...] quando meu pai nasceu já tinha a festa, acho que quando meu avô nasceu já tinha, meu pai morreu com oitenta e poucos anos, ele disse que num sabia cumé que foi começado, só sabia que foi da descendência do povo dele.

Fala de Bia Kalunga:

Desde os mais velhos, quando nasci já acontecia a festa.

Fala de Dona Procópia:

Quando ela começou ser praticada tá com muitos anos, começou a ser praticada pelo pai de Santim, foi começado lá onde está. Quem fazia a festa era o pai de Santim, aí ele morreu, ficou assim a festa um tempo num lugar, outro tempo em outro. A festa ia mudando de lugar, que quando o Santim pegou a festa e colocou a festa no mesmo lugar que era do seu pai. Hoje quem tá resolvendo é o filho de Santim, Tico, era da mesma família né, era ele, Lorino e Abertino esses aí tudo ajudavam a fazer a festa e rezar.

As falas dos nossos entrevistados encontram ecos no trabalho de Torres (2018):

Quando eu entendi pru gente a festa era lá na casa da minha vó Maspá, ela era mãe de papai João, Pilicata, Antonha, Cristino e Grigório, a casa dela era ali confronto à casa de Tereso aí todo ano o povo ia rezar lá, a festa num é lá onde tá hoje não. (Laurência, 2018 *apud* Torres, 2018. p. 16).

Dialogando com Torres (2018), é de suma importância salientar que o Festejo de São João possui um imenso valor histórico, pois a senhora Laurência, que possuía 96 anos de idade, relatou que desde quando ela nasceu a festa já existia e era na casa da sua avó. Levando em conta os argumentos da dona Laurência, vale ratificar que essa festa existe há aproximadamente 300 anos, ou mais.

Ainda segundo Torres (2018), assim como são muitos anos de celebração da Festa de São João, existiram também algumas manifestações que se perderam no decorrer do tempo, devido aos mais velhos que as praticavam terem falecido e as gerações mais novas não possuírem o interesse de aprender e resgatar esses saberes religiosos culturais, como, por exemplo: Boilé, Alvorada, Ronda, Folia de Cipó, dentre outras. Sobre a Folia de Cipó, nossos entrevistados explicam, a seguir.

Fala de Dona Procópia:

Rezava, brincava sussa, cantava Alvorada. Primeiro tinham os mais velhos que cantavam Alvorada, os mais velhos foram indo, morrendo, aí ficou eu e Salu, meu marido cantando Alvorada, cantamos Alvorada muito tempo, tinha Folia de Cipó, o povo deixou acabar.

Fala de Tico:

Acontecia a Folia de Cipó. É porque tinham muitos barraqueiros que arranchavam lá debaixo dos paus e ali naqueles paus tinham muito cipó, aí eles giravam o festejo tudo, rondavam dentro desses matos tudo. Aí, quando era de tarde, arrematava, se trata como Folia de Rua ou Folia de Cipó, a folia saía da igreja e arrematava na igreja

A manifestação cultural dos adultos, que acontecia no Festejo de São João, nomeada por “Ronda”, ocorria da seguinte forma: juntavam-se de mãos dadas homens e mulheres em círculo. Cada um teria a vez de cantar uma rima dentro da roda, e assim seguia sucessivamente. Conforme as rimas eram ditas por cada participante da roda, o grupo com as pessoas de mãos dadas ia girando.

Essa manifestação deixou de ser praticada no festejo. Ela é idêntica à brincadeira da Ciranda Cirandinha. Um dos entrevistados de Torres (2018, p. 28) descreve: “Como é a ronda?

Na ronda fica homem e mulher seguro na mão rudiano e cantando, a música eu num lembro”.

Com relação ao “Canto da ronda”, outra entrevistada da autora esclarece:

“Caranguejo num é peixe, caranguejo peixe é, caranguejo só é peixe na vazante de maré, patê com as mãos sapateia com os pés, ronda a ronda cavaleiro ponha a dama que ocê quer” (Laurência, 2018 *apud* Torres, 2018, p. 22).

Após a descrição da manifestação Ronda, é de suma importância abordarmos como era o Boilé.

O boilé encarrria mulher dum lado, homem do outro aí vai um par daqui pra lá. Os homens do lado das mulheres. As mulheres do lado dos homens. Isso acabou, é pouca gente que dançou. Tinha alvorada, cantava a noite inteira nos barracos igual uma folia. Hoje acabou tudo. A alvorada era dois cantadores: um jogava verso pra um, o outro jogava pro outro, é tipo quando tá levantando o mastro, lá na hora que tá levantando o mastro eles jogam uns versos, é alvorada, é agradecendo a levantação do mastro. O imperador sai e vai lá pro barraco do imperador, o cantador é até Maciano, Maciano é quem ainda canta mais, os outros cantam não, a festa mudou demais, mudou demais, agora nem o sonzim que o povo tem aqui agora não quer mais, é só cantor (Laurência, 2018 *apud* Torres, 2018, p. 28).

De acordo com as informações contidas na pesquisa de Celia Torres, o entrevistado descreveu sobre o Boilé e, em seguida, descreveu também sobre a Alvorada, tais manifestações que não existem mais no Festejo de São João nos dias atuais.

“Antes tinha a folia de cipó? Tinha, ela num faltava folião não, agora pra arranjar tá difícil, eu lutei um tempo, larguei pra lá, num arranja gente, não” (Laurindo, 2018 *apud* Torres, 2018, p. 31).

A Folia de Cipó durava apenas um dia no festejo, ela girava nos ranchos e acampamentos da festa no dia 24. Nesse evento, os foliões cantavam o canto e faziam rodas de curraleira. Nesse giro, os donos dos ranchos e barracas doavam esmolas, que variavam entre 20 centavos a 1 real, servindo para o festeiro dono da festa e da folia suprir algumas necessidades na festa. De acordo com Vidal, em entrevista a Torres (2018), o canto da Folia de Cipó é cantado da seguinte forma:

“O canto é: nesta hora foi chegando, nesta hora foi chegando, com essa pura, com essa pura divindade, com essa pura divindade (o outro responde) meu sinhô São João Batista, meu sinhô São João Batista, na bandeira, na bandeira retratada, na bandeira retratada”.

Seguindo as afirmações contida na pesquisa de Torres (2018), é notória a preocupação dos mais velhos com o fato de os jovens e adolescentes não terem interesse de aprender os saberes e fazeres dos sábios/anciões do Quilombo Kalunga.

Anciões são as pessoas da comunidade com idade mais avançada, que conseguiram aprender esses saberes com os antepassados.

Tempos atrás os povos que organizavam a festa e festejavam tinham alguns costumes diferentes, pois as tecnologias não haviam chegado até eles. Já nos dias de hoje existem diversas mudanças dentro do festejo ocasionadas pela chegada de tecnologias e, consequentemente, atualizando alguns costumes.

Fala de Bia Kalunga:

Assim tem o lado positivo e o negativo, com a presença da indústria cultural a gente percebe que a juventude hoje tá envolvida mais com o novo. O novo que eu digo é no sentido de músicas, de funks, essas músicas que não são mais da tradição. E assim eu não sei se coloca em risco, mas as juventudes que serão os representantes do futuro acabam deixando cair em esquecimento os costumes tradicionais, gostando de ouvir somente eletrofunks. Então, eu penso que essa vinda do novo, da atualização das indústrias culturais, acaba interferindo um pouco nesse sentido.

Segundo relatos do meu avô Dionísio e de Baiocchi, as festas que ocorrem nas regiões Kalunga e que possuem longa duração, como a Festa de São João, a Festa de Nossa Senhora da Abadia, a Festa de São Gonçalo, a Festa de São Sebastião, dentre outras, ocorrem no período da seca em agradecimento à colheita das roças no período das águas.

4.2 Dos achados da pesquisa

Durante a pesquisa de campo, a entrevista com Alecy Fernandes de Castro (Tico) foi realizada no interior da Capela de São João. Após a entrevista, pedimos para que ele apresentasse e descrevesse o altar da Capela de São João. Na descrição, Tico mostra uma

caixa, que é um tipo de “relicário” de artefatos da festa que já foram utilizados e não mais são expostos (Imagem 19, a seguir).

Imagem 19 – Relicário no Altar da Capela de São João



Fonte: Beto Landim (2023).

Nesse relicário estão bandeiras de São João do passado e pedaços de imagens do santo que já se quebraram. Tico, com o cuidado do zelador do festejo, foi retirando peça a peça e descrevendo cada uma delas. A seguir, apresento imagens dos artefatos encontrados no relicário:

Imagem 20 – Pedaços de uma imagem de São João



Fonte: Beto Landim (2023).

Imagem 21 – Bandeira 1 de São João



Fonte: Beto Landim (2023).

Imagem 22 – Bandeira 2 de São João



Fonte: Beto Landim (2023).

Imagem 23 – Bandeira 3 de São João



Fonte: Beto Landim (2023).

Imagem 24 – Bandeira 4 de São João

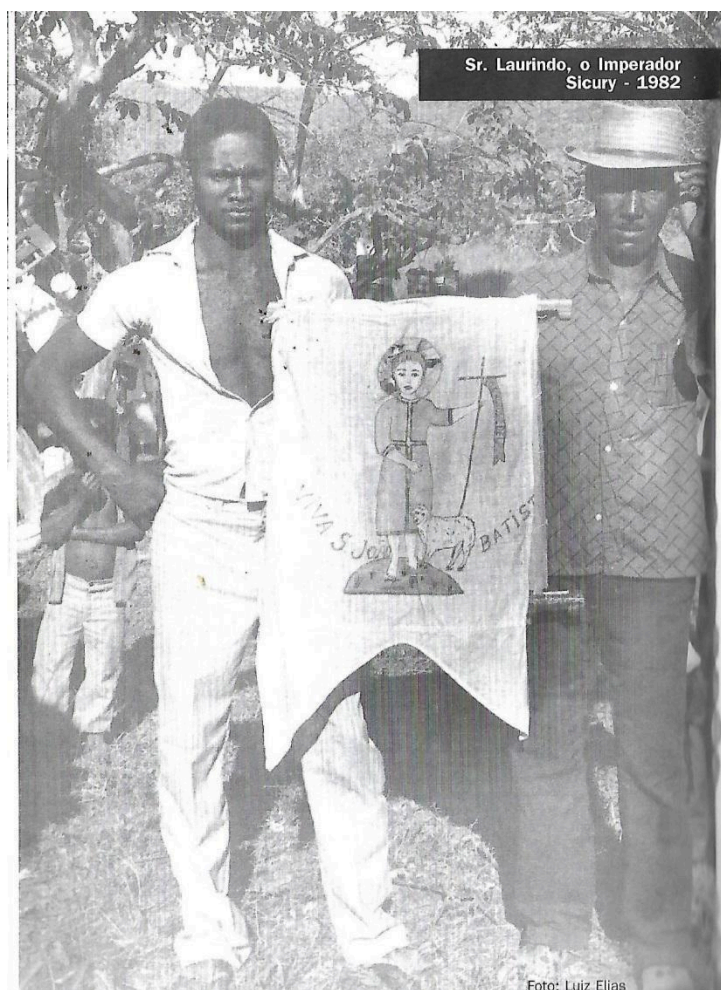


Fonte: Beto Landim (2023).

Mesmo deterioradas pelo tempo, as peças são guardadas e cuidadas, como pode ser observado nas imagens anteriores. O zelo em preservar os artefatos, que já foram utilizados no festejo em anos anteriores em um relicário e colocá-lo no altar todos os anos, é uma evidência do respeito e da devoção ao sagrado e às tradições.

As imagens 21 a 24 são de bandeiras de São João que foram utilizadas em anos anteriores. Não foi possível identificar a ordem cronológica da utilização das bandeiras, por essa razão foram numeradas aleatoriamente de 1 a 4. Ao retomar a leitura de Baiocchi (1999), encontrei a imagem do Sr. Laurindo, o imperador da festa no ano de 1982, como pode ser observado na imagem 25, a seguir:

Imagem 25 – Imperador do Festejo em 1982



Fonte: Baiocchi (1999).

Ao analisar essa imagem 25, identificamos que é a mesma bandeira registrada na imagem 21. Levando em consideração o registro de Baiocchi, em 1982, e a desta pesquisa, em 2023, temos um intervalo de tempo de 41 anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatar memórias e conhecimentos referentes a um festejo que possui um amplo valor histórico, cultural e identitário para o povo da comunidade Quilombola Kalunga, é algo excepcional, já que essa festa é uma tradição religiosa de imensa relevância para o povo da Comunidade Sucuri. É primordial ratificar o quanto a participação coletiva contribui na formação identitária do sujeito em um determinado grupo social. Esse é o caso do nosso povo Kalunga. Tais pessoas não medem esforços para fortificar cada vez mais a sua cultura local. É um povo resiliente.

Esta pesquisa realizada no âmbito etnográfico, possibilitou conhecermos de maneira mais profunda e descritiva as práticas das pessoas que fazem a Festa de São João acontecer, tendo em vista o quanto o povo Kalunga possui identidade própria, e que suas culturas religiosas, por mais que tenham sofrido mudanças, nunca se acabam, pois a força de querer e a fé falam mais alto do que as dificuldades.

Diante dos dados obtidos na pesquisa, cabe salientar que o povo da Comunidade Sucuri não sabe exatamente quando e como surgiu essa festa religiosa cultural, o que fica evidente nos relatos dos anciões e guardiões dos saberes do povo Kalunga, que participam da festa e possuem memórias riquíssimas referentes a essa prática sociocultural. O Festejo de São João existe há muitos anos, provavelmente há mais de 3 séculos, ou seja, há mais de 300 anos, e vem sendo passada de geração a geração.

Perante a realização deste trabalho, é notório que a festa vem sendo modificada. Com o passar do tempo, muitas práticas culturais foram deixando de existir. São perdas ocasionadas por diversos fatores. Sendo um deles, a juventude não resgatar os saberes guardados nas memórias dos anciões e guardiões dos saberes do povo Kalunga e, consequentemente, ocasionando a perda de muitas práticas artístico-religiosas que aconteciam dentro do festejo. Através deste trabalho, percebe-se a preocupação dos mais velhos da comunidade em relação à falta de interesse dos jovens e adolescentes em aprender as práticas culturais e religiosas que ocorrem no Festejo de São João.

Por esta pesquisa, foi possível observar e compreender mais de perto sobre o grande Festejo de São João, sua relevância para o povo Kalunga, as transformações ocorridas ao longo do tempo, como as práticas culturais e religiosas são passadas de uma geração para outra e o quanto é preocupante o fato de os nossos jovens não se sentirem dispostos a aprenderem os costumes religiosos da nossa comunidade.

Eu, como membro do Quilombo Kalunga, participante da Festa de São João há vinte e três anos, e com cinco anos de experiência como professor no Quilombo, terei a honra de trabalhar com meus alunos as evidências obtidas neste trabalho de pesquisa. Transmitirei teorias e práticas referentes a esses fazeres socioculturais que ocorrem no Kalunga e em nosso Festejo de São João. Tais práticas têm um amplo papel na fortificação identitária e cultural do nosso povo.

Como futuro graduado em Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música, pretendo trazer para a sala de aula, na disciplina de Artes, indícios sobre essas práticas socioculturais da nossa comunidade, para que as crianças e jovens conheçam nossas raízes, aprendam as diversas manifestações culturais e religiosas do nosso povo do Quilombo Kalunga. O professor tem papel significativo na transformação social do sujeito. Sendo assim, em sala de aula, no componente curricular Artes, buscarei conscientizar nossos jovens a terem mais contato com as práticas culturais que definem nossa grandiosa identidade, utilizando como suporte as descobertas obtidas neste trabalho, para que, no futuro, a juventude seja representante da nossa nação Kalunga, e não deixe nossas culturas acabarem.

REFERÊNCIAS

- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga: povo da terra**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- BRASILIA. **Uma história do povo Kalunga**. BRASILIA- DF: Secretaria de Educação Fundamental/ MEC/ SEF, 2001.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2ª edição_ Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- Governo do Estado de Goiás. **Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento**. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Mapas das microrregiões de GoiásIBGE, Goiânia IMB, Brasil, 2013.
- KHIDIR, Kaled Sulaiman. **Práticas Socioculturais Quilombolas para o Ensino de Matemática: mobilizações de saberes entre Comunidade e Escola**. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.
- MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In: MATTOS, CLG. and CASTRO, PA. (Orgs.). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.
- SOUZA, Lourdes Fernandes de. **Letramento e história de vida: as memórias de Procópio dos Santos Rosa da comunidade Kalunga - Riachão Monte Alegre - GO**. 2014. 63 f. il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) —Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2014.
- TORRES, Celia Castro de. **Festa de São João Batista, na Comunidade Kalunga Fazenda Sicuri, um evento sociocultural identitário**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo: Linguagem) – Universidade de Brasília. Planaltina-DF, 2018.
- SOARES, Ozenildo Dias. **A tradição da Folia de Reis como manifestação cultural e religiosa no Quilombo Kalunga, Comunidade Areia**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música) – Universidade Federal do Tocantins. Arraias-TO, 2021.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Primeira parte identificação do entrevistado(a)

1. Qual é seu nome completo?
2. Como você é conhecido(a) na comunidade?
3. Qual a sua idade?
4. Nasceu aqui na comunidade? Em qual localidade?
5. Sempre morou nessa localidade? Em que localidade já morou?
6. Qual o seu vínculo (relação) com a comunidade?
7. Você já foi festeiro(a) da Festa de São João? Se sim, em qual ano?
8. Se já foi festeiro(a), quando foi e qual o papel que você desempenhou?

Segunda parte: Sobre o Festejo de São João

1. Você sabe dizer quando a Festa de São João começou a ser praticada aqui no Kalunga?
 2. Você sabe dizer o porquê ela surgiu aqui no Kalunga?
 3. Qual a importância da Festa de São João para a comunidade Kalunga?
 4. Qual o significado da Festa de São João para você?
 5. Como você contribui para que essa festa seja feita?
 6. Quem é responsável pelo zelo e organização do festejo? Recebe para zelar?
 7. Explique passo a passo como ocorre toda a Festa de São João.
 8. Como acontece o império?
 9. Como funciona o levantamento e abaixamento de mastro? Explique.
 10. Acontece alguma folia na Festa de São João?
 11. Como são escolhidos os noveneiros, festeiros e o capitão de mastro, responsável por realizar a festa no próximo ano?
 12. Explique sobre a fogueira de São João e de que madeira ela é feita.
 13. Existem algumas ameaças externas que colocam esta festa em perigo de acabar?
 14. Explique sobre a roda de capoeira que ocorria nessa festa.
 15. Explique sobre a quadrilha que ocorria nessa festa de São João.
 16. Ao longo dos anos, aconteceram mudanças na festa? Se sim, quais?
- Quais os motivos que levaram às mudanças?
- 17- Tem alguma história sobre a Festa de São João que você gostaria de contar? Algo que ficou marcado para você ou para a comunidade?
 - 18- Tem alguma coisa que gostaria de dizer sobre a folia que eu não perguntei?

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM: SARNAREALINA DE CASTRO TORRES

Possui 76 anos, nascida e criada na comunidade Kalunga Fazenda Saco Grande. Mudouse posteriormente para a Fazenda Sucuri após encontrar um esposo e se casar (amigar) com ele. Seu falecido esposo era zelador e rezador no Festejo de São João. Ela é conhecida na comunidade como Lina. É lavradora, rezadeira no Festejo de São João. Participa de todos os fazeres na festa: cozinha, reza, ajuda a levantar o mastro, reza nas novenas, dentre outros fazeres na festa.

Renilton: Boa tarde, Tia Lina. O motivo desta conversa é para saber e compreender detalhadamente as manifestações existentes no Festejo de São João.

Renilton: Qual é seu nome completo?

Sarnarealina: Sarnarealina de Castro Torres.

Renilton: Como você é conhecida na comunidade?

Sarnarealina: Uá, de Lina.

Renilton: Qual a sua idade?

Sarnarealina: Tô cum setenta e seis.

Renilton: A senhora nasceu aqui na comunidade? Em qual localidade?

Sarnarealina: Na comunidade aqui mermo, primeiro nasci no Saco Grande, depois eu casei, passei aqui pu Sucuri, moro aqui tem cinquenta e cinco anos, meu marido era daqui aí eu vim pra cá.

Renilton: Você já foi festeira da Festa de São João? Se sim, em qual ano?

Sarnarealina: Uá já, já fui festeira, e agora mesmo já fui festeira, dia sete de novena fui festeira aqui.

Renilton: Se já foi festeira, quando foi e qual o papel que você desempenhou?

Sarnarealina: Já fui festeira várias vez. Esse ano fui noveneira dia sete de novena, dia vinte e um desse mês que é junho, pruquê a festa aqui começa dia quinze de junho aí conta, dia quinze, primeiro de novena, dia dezesseis, dois de novena, e assim vai até o dia nove de novena, e depois é o dia de São João, que é o dia vinte e quatro.

Renilton: Você sabe me dizer quando a Festa de São João começou a ser praticada no Kalunga? **Sarnarealina:** Eu num sei não, quando eu nasci já tinha muitos anos que tem essa festa, os mais véi já vinha nessa festa de muitos anos, eles festejavam, todo ano as lagartas comiam as palhas dos ranchos e igreja tudo, todo ano tinha que arrumar os barracos e igreja, num tinha igreja de telha, aí depois que fez a igreja de telha. Boto sobrinho meu anda muito né, aí ele pediu a uns povos de fora ajuda para o festejo, na época nós aqui num tinha estrada, num tinha carro, andava era de cavalo, e a pé com trouxa na cabeça, Boto pediu pro povo lá

de fora , aí o povo da cidade ajudou a fazer essa igreja de telha, a igreja era lá embaixo, vinha enchente, mudou ela pra cá pra mais em cima, meu marido que zelava do festejo, o nome dele era Albertino dos Santos, ele cuidava de tudo aqui no festejo.

Renilton: Você sabe dizer o porquê essa festa surgiu aqui no Kalunga?

Sarnarealina: Não, meu filho, nesse tempo eu num era gente, a festa foi passada assim, dos mais véi pros mais novo, foi passando assim até hoje.

Renilton: Qual a importância da Festa de São João para a comunidade Kalunga?

Sarnarealina: A importância é boa. A gente festeja, né, aí a gente todo ano pede a São João pra ajudar todo mundo ter ano de vida e saúde pra todos nós festejar, é muito bom, todo mundo encontra os amigos e parentes que moram longe.

Renilton: Qual o significado da Festa de São João para você?

Sarnarealina: Uá, meu filho, pra mim é uma coisa muito legal, né. Todo o pessoal conhecido da gente vem e encontra todo mundo conhecido, aí a gente fica agradecido.

Renilton: Como você contribui para que essa festa seja feita?

Sarnarealina: Eu rezo nas novenas, ajudo cantar no levantamento de mastro, ajudo caçar os festeros pro outro ano que vier, pra fazer a festa e dar comida pra o povo que vier de outros lugares pra festa aqui.

Renilton: Quem é responsável pelo zelo e organização do festejo? Recebe para zelar?

Sarnarealina: Oh! meu filho, de primeiro era meu marido Albertino, aí ele morreu. Tico tomou de conta do festejo para zelar. Num recebe nada para zelar, recebe é benção de São João.

Renilton: Explique passo a passo como ocorre toda a Festa de São João.

Sarnarealina: Antes de chegar o dia da festa, a gente vem limpar o festejo e arrumar os barracos para os dias da festa, limpa a igreja também pra os dias de reza tá tudo arrumado, cada dia da festa nos dias de novena, nós vem à noite rezar, a reza da novena é igual todo dia, se veio gente, nós reza e se num veio, reza também. Num fica uma novena sem rezar, nós reza nem se for só três pessoas. O levantamento de mastro é dia nove de novena à noite depois da reza, dia nove dá dia vinte e três de junho, e dia dez, que é o dia de São João, aí o mastro é descido dia vinte e cinco de junho, que é o final da festa. A fogueira é feita no dia que levanta o mastro, dia vinte e três, corta o mastro velho do ano que passou e faz a fogueira na hora que tá levantando o mastro. Tem as candeias de cera de aratin que nós usa pra hora de levantar o mastro, aí, quem fica encarregado pelo mastro, pega a cera, corta as varas e faz as candeias de cera. A cera é de uma abelha chamada aratim.

Renilton: Como acontece o império?

Sanarealina: Num tem império não, só encarregado de mastro.

Renilton: Como funciona o levantamento e abaixamento de mastro? Explique.

Sarnarealina: No dia vinte e três, depois da reza, levanta o mastro. Tem a bandeira de São João que coloca na grade do mastro e sobe o mastro. Na hora que levanta o mastro, usa a candeia de cera. Cada pessoa que tá participando fica com uma candeia nas mãos. Na hora de levantar o mastro, rudia ele três vez cantando: viva o capitão do mastro, vêvaaa viva todos que tá na função, vêvaa ora vêvaaa, vêva meu São João ora vêvaaa. Aí, no dia vinte e cinco desce o mastro e entrega para o capitão de mastro do ano que vem. Nesse dia canta assim: “imperadô, imperadô, a bandeira do mastro já abaixou, imperadô, imperado, receba a coroa, imperado”, aí repete o canto várias vezes.

Renilton: Acontece alguma folia na Festa de São João?

Sarnarealina: De primeiro tinha a folia de cipó, mas agora acabou. No dia de São João, que é o dia vinte e quatro soltava a folia e ela girava de barraco em barraco.

Renilton: Como são escolhidos os noveneiros, festeiros e o capitão de mastro responsável por realizar a festa no próximo ano?

Sarnarealina: O zelador sai com o caderno na mão perguntando quem quer ficar, aí vai anotando os nomes dos festeiros do próximo ano, quem faz a novena é tratado por noveneiro; quem fica com o mastro é capitão de mastro e quem fica com a festa no dia de São João é chamado festeiro.

Renilton: Explique sobre a fogueira de São João e de que madeira ela é feita.

Sarnarealina: É assim ó, o mastro velho do ano passado, que foi tirado e guardado, é cortado no próximo ano e feita a fogueira de São João na hora que tá levantando o mastro.

Renilton: Existe alguma ameaça externa que coloca em risco o acabamento dessa festa?

Sarnarealina: Tem não né, por enquanto, aqui nunca aconteceu.

Renilton: Ao longo dos anos, aconteceram mudanças na festa? Se sim, quais?

Sarnarealina: Sim, dismudou mais né, muitas coisas, pois agora favoreceu mais né pras pessoas, naquele tempo era mais difícil, nem estrada tinha, era no lombo do cavalo, e hoje não, hoje já tem estrada. Pode vir gente de muitos lugares.

Renilton: Tem alguma história sobre a Festa de São João que você gostaria de contar? Algo que ficou marcado para você ou para a comunidade?

Sarnarealina: Tem não, meu filho, depois que meu marido morreu eu fiquei com a cabeça ruim esquecida...

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM: PROCÓPIA DOS SANTOS ROSA

Dona Procópia possui 90 anos, é chamada na comunidade por Procópia ou Iaiá, é a matriarca do povo Kalunga do município de Monte Alegre. Possui uma ampla história de luta e resistência. É lavradora nascida e criada no território Kalunga. Tem dois filhos. Foi rezadeira no Festejo de São João por muitos anos.

Renilton: Boa tarde, Dona Procópia. O motivo desta conversa é para saber e compreender detalhadamente as manifestações existentes no Festejo de São João.

Renilton: Qual é seu nome completo?

Procópia: Procópia dos Santos Rosa.

Renilton: Como é conhecida na comunidade?

Procópia: Meu apelido, meu neto me chama de Iaiá e alguns também que num é neto me chama de Iaiá também.

Renilton: Qual a sua idade?

Procópia: Tô com noventa anos.

Renilton: Nasceu aqui na comunidade? Em qual localidade?

Procópia: Nasci bem ali ó, aqui no Riachão.

Renilton: Sempre morou nesta localidade? Em quais outras localidades já morou?

Procópia: Eu morei aqui desde pequena, depois fui morar no São Pedro, lá que fui criada, praquê minha mãe arrumou um marido de lá, foi pra lá e eu fui pra lá também. Depois minha mãe morreu e aí eu vim embora pro Areia. Morei no Areia uns quatro anos, depois que eu vim pra minha localidade, aqui que é o local de meu povo aqui no Riachão, amiguei aqui e tô aqui até hoje.

Renilton: Qual a sua relação com a comunidade?

Procópia: Oh! meu filho, eu num sei nem contar procê o tanto que ajudei, acho que ajudei muitas coisas. Num sei se teve uma boa ou se não teve, eu rezava no festejo, rezo, faço alvorada de levantamento de mastro, tem minha sussa, é essas coisas aí que eu sei.

Renilton: Você já foi festeira?

Procópia: Na minha lembrança nunca fui festeira não.

Renilton: Você sabe dizer quando a Festa de São João começou a ser praticada aqui no Kalunga?

Procópia: Quando ela começou a ser praticada tá com muitos anos, começou a ser praticada pelo pai de Santim, foi começada lá aonde tá, quem fazia a festa era o pai de Santim, aí ele

morreu, ficou assim a festa um tempo num lugar, outro tempo em outro. A festa ia mudando de lugar, que quando o Santim pegou a festa e colocou a festa no mesmo lugar que era do seu pai, agora hoje quem tá resolvendo é o filho de Santim, Tico, que era da merma família, era ele, Lorino e Abertino, esses aí tudo ajudava fazer a festa e rezar.

Renilton: Qual o significado da Festa de São João para você?

Procópia: O significado pra mim é um significado muito bom, praquê ele é um santo que tudo que você pede ele ajuda. Hoje em dia nós tamu aqui, nós agradece São João, praquê a dona Meire Baiocchi fez seu primeiro pedido nos pé dele, e quem que dona Meire panhô pamodi corrê atrás num foi os analfabetos, nós num sabia ler, num sabia nada, só pra falar, essas melhoras no Kalunga quem fez num foi eu num foi ninguém, foi São João.

Renilton: Como você contribui para que essa festa seja feita?

Procópia: Rezava, brincava sussa, cantava alvorada. De primeiro tinha os mais velhos que cantavam alvorada, os mais velhos foi indo, foi morrendo, aí ficou eu e Salu, que era meu marido, cantando alvorada muito tempo. Tinha Folia de Cipó, o povo deixou acabar.

Renilton:

Quem é responsável pelo zelo e organização do festejo? Recebe para zelar?

Procópia: Tico de Santim que resolve tudo no festejo.

Renilton: Acontece alguma folia na Festa de São João?

Procópia: Sim, a folia de São João Batista que é a Folia de Cipó.

Renilton: Como são escolhidos os noveneiros, festeiros e o capitão de mastro responsável por realizar a festa no próximo ano?

Procópia: Isso aí eu num sei responder, num lembro mais.

Renilton: Explique sobre a fogueira de São João e de que madeira ela é feita. **Procópia:** A fogueira de São João é feita do mastro velho, aí pica ele e faz a fogueira no dia que levanta o mastro.

Renilton: Existem algumas ameaças externas que colocam esta festa em perigo de acabar?

Procópia: Não, que eu sei num tem não.

Renilton: Ao longo dos anos, aconteceram mudanças na festa? Se sim, quais os motivos que levaram às mudanças?

Procópia: Mudou foi demais, as coisas ficaram mais deferentes, até o levantamento do mastro. Antigamente era assim: levantava o mastro, cantava embaixo do mastro, depois ia cantando até na barraca do capitão de mastro. Aí o capitão de mastro dava o que tinha, bolo, pinga e outras coisas. Saía cantando de barraco em barraco, que nem a folia faz, passando de

barraco em barraco, girava a festa todinha e arrematava dentro da igreja. Hoje num tem quase nada não.

Tem alguma história sobre a Festa de São João que você gostaria de contar? Algo que ficou marcado para você ou para a comunidade?

Procópia: Não.

Renilton: Tem alguma coisa que gostaria de dizer sobre a festa que eu não perguntei?

Procópia: Tinha a folia. O povo deixou. A reza só nunca mudou, a novena que ainda é a mesminha. Agora, a ladainha, se o povo de agora num tiver um catecismo, num reza. Hoje ninguém vai rezar, vai na festa é pra festá, é pra beber, é pra dançar, quem desses novos que vai rezar? Naquele tempo, aqueles mais velhos, quando ia pra igreja, pegava as crianças e colocava todinha e colocava lá pra escutar a reza e aprender. Hoje em dia os criadores tá rezando e os meninos tá correndo pra cima e pra baixo. Lorino rezava direto, direto ninguém aprendeu. Divino de José ninguém sabe rezar mais na festa. Divino de José os mais velhos rezava no dia de São João e no dia que terminava a festa. Vou ensinar você, mas é para rezar lá na festa, é assim ó: “Divino José, meu santo e de todos eu sou filho da mãe de Deus, oh meu santo esposo daquela senhora mais bela em creio dia mais bela em crêa aurora, bela em crê aurora e também do meu santo, estou com Jesus Cristo e alcança que santo e alcança que santo de Deus o amor sou filha de um cativo do nosso senhor, do mesmo senhor nascido em Belém, rogais por nós todos pera sempre amém, pera sempre, amém. Ora Deus na cruz que nela morreu meu amado Jesus, meu amado Jesus do meu coração, se nós ter ofendido vos peço o perdão, pois peço a Deus perdão pela flor em que nasceu, aonde foi consagrado e a cruz em que morreu, antes de eu morrer, farei um atestamento a minha vós entrega ao santíssimo sacramento, entrega meu rei Jesus soberano o reino da glória para que pensamos tudo, senhor Deus, misericórdia, senhor Deus, misericórdia amém. Bendito louvado seja é esse nosso oferecimento, bendito é louvado o meu santo sacramento, bendito é louvado o meu santíssimo sacramento, bendito é louvado o santíssimo sacramento, meu Jesus, vós encomenda pela flor em que nasceu e a hora consagrada, e a cruz em que morreu naqueles tempos o meu Jesus, soberano o reino da glória perai que pensemos todos, senhor Deus, misericórdia.”

APÊNDICE D- ENTREVISTA COM: ALECY FERNANDES DE CASTRO

Possui 56 anos de idade, nascido e criado na comunidade Kalunga Fazenda Sucuri. É lavrador, sobrevive do plantio de roça de toco. É zelador do Festejo de São João há muito tempo, rezador nas novenas de São João e organizador da festa. Alecy herdou essas funções do seu pai que era zelador, rezador e responsável pelo Festejo de São João.

Renilton: Boa tarde, Tico. O motivo desta conversa é para saber e compreender detalhadamente as manifestações existentes no Festejo de São João.

Renilton: Qual é seu nome completo?

Alecy: Alecy Fernandes de Castro.

Renilton: Como você é conhecido(a) na comunidade?

Alecy: Conhecido por Tico.

Renilton: Qual a sua idade?

Alecy: Cinquenta e seis.

Renilton: Nasceu aqui na comunidade? Em qual localidade?

Alecy: Nasci bem aqui mesmo no Sicuri.

Renilton: Sempre morou nessa localidade? Em que localidade já morou?

Alecy: Nasci e criei aqui, nunca morei em outro lugar nenhum.

Renilton: Qual o seu vínculo (relação) com a comunidade?

Alecy: Minha função aqui na comunidade é lidar com roça e lidar aqui com o festejo. Eu faço de tudo no festejo, eu limpo aqui dentro da igreja, eu roço e capino ao redor da igreja, fiz esse reboco aqui da igreja. Tudo, tudo, tudo que depender de mim aqui, eu faço. As novenas sou eu que rezo, aprendi a rezar com meu pai, ele que era o rezador daqui, sou zelador aqui hoje por que isso aqui é uma tradição, foi passada do meu bisavô pro meu avô, do meu avô pro meu pai, aí meu pai já tava velho passou pra um senhor de Laurino, que é meu tio, Laurino era sobrinho dele, aí o Laurino também já tava velho e passou pra mim. Tem uns mais novos aí que disseram que querem aprender, mas eu acho difícil, poucos querem aprender.

Renilton: Você já foi festeiro(a) da Festa de São João? Se sim, em qual ano?

Alecy: Já, umas três vezes.

Renilton: Se já foi festeiro(a) quando foi, e qual o papel que você desempenhou?

Alecy: Já fui festeiro, já fui noveneiro, já fui capitão de mastro, esse ano não sou festeiro não, estou só na organização, tem uns companheiros também que me ajudam caçar festeiros e noveneiros, ajudam a organizar a festa e tudo.

Você sabe dizer quando a Festa de São João começou a ser

praticada aqui no Kalunga?

Alecy: Sei não, quando meu pai nasceu já tinha a festa. Acho que quando meu avô nasceu já tinha, meu pai morreu tava com oitenta e poucos anos, ele disse que num sabia cumé que foi começado, só sabia que foi da descendência do povo dele. **Renilton:** Você sabe dizer o porquê ela surgiu aqui no Kalunga?

Alecy: Também eu num tô sabendo, aquele povo mais velho que tinha aí foi acabando tudo, né, e também talvez eles nem sabiam da geração dessa festa.

Renilton: Qual a importância da Festa de São João para a comunidade Kalunga?

Alecy: Aqui pro Kalunga? Iii aqui pra nós tem uma importância muito grande. Ela traz a paz, a gente tem muita fé no nosso santo, no nosso padroeiro, ele dá a paz, ele dá a alegria, dá a saúde pra gente, a gente reza para ele todo dia pedindo isso, essa festa passa aí graças a Deus num dá movimento ruim de nada.

Renilton: Qual o significado da Festa de São João para você?

Renilton: Como você contribui para que essa festa seja feita?

Alecy: Como zelador do festejo.

Renilton: Quem é responsável pelo zelo e organização do festejo? Recebe para zelar?

Alecy: Eu, Tico, recebo nada não.

Renilton: Explique passo a passo como ocorre toda a Festa de São João.

Alecy: Derna do começo era assim: primeiro vem a novena; primeiro dia de novena é dia quinze, aí vinha o festeiro. Nesse tempo tinha aquelas panelas de barro, as panelonas de barro cozinham feijão, arroz, abóbora esses trem, e aí dava a comida todo dia, todo dia, deu primeiro que é dia quinze; dois, dia dezesseis; dezessete é três de novena; dezoito, dia quatro; dezenove, dia cinco; vinte, dia seis de novena; vinte e um, dia sete; vinte e dois, dia oito de novena; vinte e três, dia nove, aí já acabou a novena; dia vinte e quatro, que é no dia de hoje, é o dia da festa. No dia vinte e três, que foi ontem, reza a novena e vem a levantação do mastro. **Renilton:** Como funciona o levantamento e abaixamento de mastro? Explique.

Alecy: A levantação do mastro tem que ter o pandeiro, tem que ter a caixa, e aí acende um bocado de candeia dessas de cera, aí bota naquelas varinhas e bota a bandeira lá no quadro do mastro. Aí tem o capitão de mastro e tem a rainha do mastro, aí sai rodando o mastro cantando “imperador, imperador a bandeira do mastro levantou”. Tem o canto de dois jeitos. O outro é: “ontem eu fui hoje não sou quem será imperador”.

Acontece alguma folia na Festa de São João?

Alecy: Aconticia, a Folia de Cipó é porque tinham muitos barraqueiros que arranchavam lá debaixo dos paus, aí eles giravam o festejo tudo, rondavam dentro desses matos tudo. Aí, quando

era de tarde, arrematava, se trata como Folia de Rua ou Folia de Cipó, a folia saía da igreja e arrematava na igreja.

Renilton: Como são escolhidos os noveneiros, festeiros e o capitão de mastro responsável por realizar a festa no próximo ano?

Alecy: É feito assim: a gente sai procurando quem quer ficar com a festa, se quiser a gente assenta, né? Já tem o caderno pra botar os nomes dos festeiros. Esse ano já tem uns dois escolhidos, quando não arranja os festeiros para todos os dias, a gente junta e faz a festa no dia que num tem festeiro. Tem uns que pagam promessa, uns pagam com dinheiro colocando no pé do santo, outros pagam fazendo a festa,

Renilton: Explique sobre a fogueira de São João e de que madeira ela é feita.

Alecy: Ah! a fogueira. A fogueira tem o mastro do ano passado que ficou guardado para fazer a fogueira esse ano. Pega o mastro do ano que passou, pica ele tudo e faz a fogueira na hora que está levantando o mastro.

Renilton: Existem algumas ameaças externas que colocam esta festa em perigo de acabar?

Alecy: Graças a Deus não, tá tudo em paz.

Renilton: Explique sobre a roda de capoeira que ocorria nessa festa.

Alecy: Aconteceu tem mais de 20 anos, era com o professor de capoeira chamado Jacaré, reunia os povos da festa para brincar capoeira no meio da praça do festejo. **Renilton:** Explique sobre a quadrilha que ocorria nessa Festa de São João.

Alecy: Todo ano tem quadrilha, esse ano é que não tô vendo ainda, mas sempre que é umas horas dessa eles iniciam ela, mas eu acho que ainda vai ter ela esse ano pruquê todo ano tem. O professor Augusto que faz a quadrilha.

Renilton: Ao longo dos anos, aconteceram mudanças na festa? Se sim, quais?

Alecy: Teve, mudou porque nessa época a igreja era de palha, aí mudou pra telha. Num tinha esses montes de barracos, os povos arranchavam tudo debaixo dos paus, os barracos eram poucos, as panelas tudo era de barro, os pratos de barro, os dias da festa continuam igual.

Renilton: Quais os motivos que levaram às mudanças?

Alecy: Aconteceu melhora na comunidade, aí mudou algumas coisas. **Renilton:**

Tem alguma história sobre a Festa de São João que você gostaria de contar?

Algo que ficou marcado para você ou para a comunidade?

Alecy: Não, as histórias que eu sabia eram só essas mesmas.

Tem alguma coisa que gostaria de dizer sobre a folia que eu não perguntei? **Alecy:**

Quero falar só assim né, quem o dizer, a festa pra nós é igual uma vida, porque quem tem fé vê acontecer. Se nós temos fé, o milagre acontece. Tem os milagres. Às vezes a pessoa tá doente, faz a promessa que, se melhorar, no próximo ano fica de capitão de mastro. Quando é o ano que

vem, a pessoa tá sadia, pega e cumpre a promessa fazendo a festa. Esse ano mesmo uma menina pediu o mastro para fazer ano que vem, e é promessa dela fazer; no outro ano que vem, outro já pediu, que é promessa também para fazer no outro ano.

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM: LOURDES FERNANDES DE SOUZA

Nascida e criada no Quilombo Kalunga Fazenda Riachão, possui 39 anos. É uma líder e guardiã dos saberes dentro do território Kalunga, sendo diretora das Escolas Estaduais Kalunga-II do município de Monte Alegre de Goiás. Além disso, é neta da matriarca Dona Procópio. Lourdes é conhecida na comunidade como Bia Kalunga. Aprendeu muitas coisas com sua avó: rezar, participar das festas tradicionais e liderar dentro do território Kalunga. É casada na fogueira de São João e mãe de três filhos.

Renilton: Boa tarde, Lourdes. O motivo desta conversa é para investigar as manifestações culturais que ocorrem no Festejo de São João.

Renilton: Qual é seu nome completo?

Lourdes: Lourdes Fernandes de Souza.

Renilton: Como você é conhecido(a) na comunidade?

Lourdes: Bia Kalunga.

Renilton: Qual a sua idade?

Lourdes: 39 anos.

Renilton: Nasceu aqui na comunidade? Em qual localidade?

Lourdes: Sim, na comunidade Kalunga Riachão.

Renilton: Sempre morou nessa localidade? Em que localidade já morou?

Lourdes: Sim.

Renilton: Qual o seu vínculo (relação) com a comunidade?

Lourdes: Pertencente, nascida e criada, moradora.

Renilton: Você já foi festeiro(a) da Festa de São João? Se sim, em qual ano?

Lourdes: Sim.

Renilton: Se já foi festeiro(a), quando foi e qual o papel que você desempenhou?

Lourdes: Fui noveneira no dia 22 de junho de 2015.

Renilton: Você sabe dizer quando a Festa de São João começou a ser praticada aqui no Kalunga?

Lourdes: Desde os mais velhos, quando nasci já acontecia a festa.

Renilton: Você sabe dizer o porquê ela surgiu aqui no Kalunga?

Lourdes: Sim, devido à tradição cultural dos nossos ancestrais, e daí veio a continuidade com essa nova geração, é uma tradição cultural local.

Renilton: Qual a importância da Festa de São João para a comunidade

Kalunga?

Lourdes: Penso que seja um momento de celebração em conjunto com as demais comunidades moradoras e comunidades externas, é uma forma de preservar e cultuar nosso futuro.

Renilton: Qual o significado da Festa de São João para você?

Lourdes: Pra mim, é um momento de celebração, reencontro e louvor ao senhor São João Batista.

Renilton: Como você contribui para que essa festa seja feita?

Lourdes: Eu contribuo de várias formas, participo das novenas, marco presença e sempre estou envolvida nos eventos culturais que acontecem no festejo.

Renilton: Quem é responsável pelo zelo e organização do festejo? Recebe para zelar? **Lourdes:** Toda a comunidade, todos são responsáveis junto com o zelador que mora lá próximo, que é o Tico, não recebe para zelar.

Renilton: Explique passo a passo como ocorre toda a Festa de São João.

Lourdes: A festa se inicia no dia quinze de junho e se estende até o dia vinte e quatro de junho, são nove dias de novena e um dia que é o dia do santo. Nas novenas o pessoal se reúne à noite e rezam, os noveneiros dão a comida e assim segue. Na festa acontece o levantamento de mastro, abaixamento de mastro, rezas todas as noites na igreja, batizado no padre, batizado na fogueira, casamento na fogueira, inclusive eu me casei na fogueira neste ano de dois mil e vinte e três e foi muito emocionante para mim.

Renilton: Como acontece o império?

Lourdes: Não tem império.

Renilton: Como funciona o levantamento e abaixamento de mastro? Explique.

Lourdes: Bom, no dia vinte e três após a reza, o pessoal se reúne e faz o levantamento do mastro com cantos, coloca a bandeira de São João Batista no topo do mastro. E aí, dia vinte e cinco faz a descida do mastro com canto também. **Renilton:** Acontece alguma folia na Festa de São João?

Lourdes: Sim, a Folia de Cipó, mas de certos anos pra cá não está sendo praticada, ela gira somente no festejo, só que esse ano não teve, nesses dois últimos anos não está tendo a prática dessa folia.

Renilton: Como são escolhidos os noveneiros, festeiros e o capitão de mastro responsável por realizar a festa no próximo ano?

Lourdes: Geralmente, a gente pega o caderno e sai à procura das pessoas que têm o interesse de ajudar, e aí sai convidando as pessoas, porque todo ano tem que trocar; cada ano tem que ter um novo noveneiro pra poder a festa acontecer.

Renilton: Explique sobre a fogueira de São João e de que madeira ela é feita.

Lourdes: A fogueira de São João é feita com o mastro do ano anterior, pica ele, no momento faz todo o ritual e, após o mastro levantado, acende a fogueira.

Renilton: Existem algumas ameaças externas que colocam esta festa em perigo de acabar?

Lourdes: Assim, tem o lado positivo e negativo. Com a presença da indústria cultural, a gente percebe que a juventude hoje tá mais envolvida com o novo, o novo que eu digo é no sentido de músicas de funks, essas músicas que não são mais da tradição. Eu não sei se coloca em risco, mas a juventude, que será a representante do futuro, acaba deixando cair em esquecimento os costumes tradicionais, gostando de ouvir somente eletrofunks. Então, eu penso que essa vinda do novo, da atualização das indústrias culturais, acaba interferindo um pouco nesse sentido.

Renilton: Explique sobre a roda de capoeira que ocorria nessa festa.

Lourdes: A roda de capoeira até hoje acontece, a gente trabalha com a escola no espaço festivo, no chamado Escola Itinerante e aí a roda de capoeira é uma celebração de uma brincadeira que a gente faz com a comunidade presente, ou seja os alunos, professores e moradores que têm interesse de participar.

Renilton: Explique sobre a quadrilha que ocorria nessa Festa de São João.

Lourdes: Sim, existe a quadrilha, a comunidade escolar juntamente com a comunidade, e somente este ano que não aconteceu, mas todos os anos a gente pratica.

Renilton: Ao longo dos anos, aconteceram mudanças na festa? Se sim, quais?

Quais os motivos que levaram às mudanças?

Lourdes: Sim, muita entrada de produtos industrializados. Ultimamente, a preocupação no final da festa é muito grande, pois gera muito lixo devido ao consumo de muitas coisas industrializadas, como refrigerantes, bebidas alcoólicas, que acabam gerando isso e é uma preocupação que a gente tem porque esse lixo, se a gente não trabalhar a questão da educação ambiental, os lixos ficam lá; aí chove e os lixos são arrastados para dentro dos nossos córregos e rios causando a poluição da água do nosso povo.

Renilton: Tem alguma história sobre a Festa de São João que você gostaria de contar?

Algo que ficou marcado para você ou para a comunidade?

Lourdes: Não, somente alguns momentos. Dos meus dez a quinze anos, o festejo era mais assim: os barracos eram todos de palha, muitas árvores com sombra, e a juventude se envolvia

mais nos momentos culturais, no levantamento do mastro... Então, naquela época eu sentia uma festa mais tradicional, e hoje ela está ficando muito mista. Esse modelo misto de festa assim acaba tendo muita mistura, não só de pessoas, e sim de músicas, participações, parece que o foco nos saberes tradicionais realizados na festa está menor.

Renilton: Tem alguma coisa que gostaria de dizer sobre a folia que eu não perguntei?

Lourdes: Não, eu penso que foi dito tudo mesmo.